

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS - ODEERE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE - PPGREC**

Ivana Meira Silva de Carvalho

**MEMÓRIAS E RITUAIS DE BENZEÇÃO E PARTO: O DOM DE BENZER NA
MEMÓRIA HISTÓRICA COLETIVA NO POVOADO DO PEIXE - BA**

**JEQUIÉ – BAHIA
2026**

Ivana Meira Silva de Carvalho

**MEMÓRIAS E RITUAIS DE BENZEÇÃO E PARTO: O DOM DE BENZER NA
MEMÓRIA HISTÓRICA COLETIVA NO POVOADO DO PEIXE - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientador(a): Prof. Dr. Daniel Valério Martins.

**JEQUIÉ-BAHIA
2026**

C331m Carvalho, Ivana Meira Silva de.

Memórias e rituais de benzeção e parto: o dom de benzer na memória histórica coletiva no Povoado do Peixe - Bahia / Ivana Meira Silva de Carvalho. - 2026.

101f.: il., color.

Orientador(a): Prof. Dr. Daniel Valério Martins.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Jequié, 2026.

1. Benzedeadas - Bahia. 2. Memória coletiva. 3. Medicina popular. 4. Saberes tradicionais. 5. Resistência cultural. I. Martins, Daniel Valério. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. III. Título.

CDD 398.353

Catálogo na fonte: Bibliotecária Eridiana Souza Silva - CRB-5/2129

UESB - Campus Jequié/BA

Ivana Meira Silva de Carvalho

**MEMÓRIAS E RITUAIS DE BENZEÇÃO E PARTO: O DOM DE BENZER NA
MEMÓRIA HISTÓRICA COLETIVA NO POVOADO DO PEIXE - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Linha de Pesquisa 1: Etnicidade, Memória e Educação

Aprovado em: 24 de Abril 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Valério Martins (UESB)
Presidente da Banca/ Orientador

Prof^a. Dr^a. Euzelene Rodrigues Aguiar(UNEB)
Examinadora Externa

Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto (UESB)
Examinador Interno

JEQUIÉ-BAHIA

2026



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Valério Martins, Professor Visitante**, em 05/05/2026, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Euzelene Rodrigues Aguiar, Professora**, em 06/05/2026, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danilo César Souza Pinto, Professor**, em 12/05/2026, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **00139207136** e o código CRC **7BC959E4**.

À minha avó Maria, exímia parteira e benzedeira, mulher de fé e de resistência. Por meio de tuas mãos, nasceram vidas; com tuas rezas, curaram-se dores; com tua coragem, muitas tempestades foram atravessadas. Dedico-te este trabalho porque sei que tua história, ainda viva e pulsante, é escrita em gestos, folhas e palavras, e agora também nestas páginas.

A senhora ensinou-me que ler o mundo é tão importante quanto ler os livros. É com esse saber profundo e enraizado que sigo, com orgulho, registrando a tua trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, pela força, coragem e proteção ao longo de toda esta caminhada. Em meio aos desafios enfrentados, sustentaram-me as palavras do Evangelho: “Cala-te! Aquieta-te!” (Mc 4,39) e a certeza de que “não foi o mar que me ensinou a ter fé; foi a fé que me ensinou a atravessar o mar”.

Expresso minha profunda gratidão à minha família, que permaneceu ao meu lado nos momentos de maior cansaço e incerteza. Ao meu marido, Ronaldo, agradeço pelo amor generoso e pela presença constante: pelas sopas preparadas nos dias mais difíceis, pela paciência ao aguardar comigo o ônibus em horários inesperados, pela parceria nas tarefas domésticas e pela força emocional que tantas vezes sustentou meus passos. Ao meu filho, Cassiano, cuja existência ressignifica minha vida diariamente, agradeço por reacender em mim a capacidade de recomeçar.

À minha mãe, Ivonete, e ao meu pai, Antônio, manifesto minha gratidão pelo esforço incansável e pela coragem com que enfrentaram a dureza da vida na roça para garantir dignidade e valores a nós, seus filhos. Estendo esse reconhecimento aos meus irmãos, Nina, Ivanessa e Antônio, pela convivência marcada pelo afeto e pela partilha. À minha prima, Noelma, agradeço profundamente pelo cuidado dedicado ao meu filho, o que me permitiu avançar na pesquisa com mais tranquilidade.

Registro minha gratidão à minha comunidade, o Povoado do Peixe, espaço de memória, pertencimento e ancestralidade. Agradeço aos anciãos, guardiões de saberes que iluminam esta pesquisa, bem como a todos que aceitaram participar das entrevistas, compartilhando suas narrativas e experiências com generosidade. Estendo meus agradecimentos à comunidade escolar, que compreendeu minha rotina para que eu pudesse conciliar trabalho e estudo; à equipe gestora da Escola ACM; à Secretaria Municipal de Educação de Lajedo do Tabocal, na pessoa da senhora Telma Pires do Nascimento; e aos meus colegas de trabalho, pelo incentivo constante.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oferta de uma pós-graduação de qualidade, viabilizando as condições necessárias para a realização desta pesquisa. Sou grata também ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB), pelo ambiente plural de formação, diálogo e resistência. Minha gratidão se estende ao ODEERE e à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, instituições que possibilitam espaços de

aprendizagem crítica e fortalecimento identitário. Aos professores do programa, agradeço pelas contribuições fundamentais à minha trajetória acadêmica.

Manifesto especial reconhecimento aos professores do ODEERE, cujo compromisso pedagógico e acolhimento construíram um ambiente pautado na diversidade. Conforme afirma Paulo Freire (1987), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Agradeço, de modo especial, à professora Marise de Santana; às professoras Ana Angélica Leal e Luzia Wilma; e aos professores Itamar, Ana Carolina, Silvano, Núbia Regina, Marcos Lopes, Danilo e Benedito, pelas significativas contribuições à minha formação.

Ao meu orientador, Daniel Valério, registro minha profunda gratidão. Sua orientação firme, atenta e acolhedora foi essencial. Com escuta sensível e a sabedoria que carrega enquanto pesquisador indígena, contribuiu de maneira singular para o amadurecimento desta pesquisa. Agradeço pela generosidade e pela liberdade que me concedeu para construir meu próprio caminho. Suas aulas, sempre inovadoras e marcadas pela simplicidade, foram fonte constante de inspiração.

Aos colegas da turma de 2024, registro minha gratidão pela convivência respeitosa e plural. De modo especial, agradeço a Sandra, minha colega de caminhada, não apenas pela parceria acadêmica, mas por ter sido uma presença generosa que, com seus gestos de cuidado, alimentava não só o corpo, mas também o afeto. Às amigas que o mestrado me presenteou, Cristiane e Graziela, deixo minha gratidão sincera. Grazi, com seu coração imenso, foi apoio constante. Cris foi mais que amiga: foi irmã e companheira de estrada. À Jessika, agradeço pela autenticidade e pela postura ética; à Lidiane, pela presença carinhosa; e a todas as outras colegas Paulinha, Agna, Gilvania, Milena, Larisse por tornarem esta etapa especial. Agradeço também a Raimundo, Iure, Thiago Li, Gabriel, Mário Lukas e Cláudio, pela troca de experiências que enriqueceu esta jornada.

Por fim, agradeço aos funcionários do Programa, em especial a Cidália, pela construção de um ambiente acadêmico acolhedor. Reafirmo que a gratidão é a memória do coração e reconheço que ninguém caminha sozinho. Dirijo um agradecimento especial à minha avó Maria, cuja vida, força e sabedoria inspiram diretamente esta pesquisa. Sua memória é luz que atravessa estas páginas e reafirma a importância dos saberes ancestrais. Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse possível. Cada gesto e incentivo permanecem registrados em mim.

RESUMO

Esta dissertação investiga de que maneira as memórias e os rituais de benzeção, cuidado e acompanhamento de partos contribuem para a preservação da memória histórica coletiva do Povoado do Peixe, comunidade rural situada no município de Lajedo do Tabocal, Bahia. Ancorada no campo das relações étnicas e da contemporaneidade, a pesquisa tem como objetivo geral compreender como os saberes ancestrais, transmitidos sobretudo pela oralidade, operam como dispositivos de memória, cuidado e resistência cultural no cotidiano comunitário, tendo como eixo central a trajetória e as práticas da benzedeira Dona Maria Meira. A investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, pautada no método da História de Vida, compreendendo a memória como construção social, situada e relacional. Como procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas narrativas e o uso de diário de campo, respeitando os critérios éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os resultados indicam que as práticas de benzeção e cuidado exercidas por Dona Maria constituem sistemas complexos de conhecimento, sustentados pela ancestralidade e por uma ética relacional, funcionando como verdadeiras tecnologias sociais do cotidiano. Evidencia-se, ainda, que tais saberes permanecem vivos e resilientes, inclusive por meio de mediações tecnológicas contemporâneas. Conclui-se que o reconhecimento dessas práticas fortalece a identidade cultural comunitária, valoriza os saberes tradicionais e contribui para a ampliação do debate sobre a pluralidade epistemológica. Como desdobramento, a pesquisa produziu um e-book voltado ao registro e à difusão das memórias de Dona Maria, como estratégia de devolutiva social e fortalecimento da identidade comunitária.

Palavras-chave: Benzeção. Memória. História de Vida. Saberes Ancestrais. Resistência Cultural.

ABSTRACT

This dissertation investigates how memories and rituals of blessing, care, and childbirth assistance contribute to the preservation of the collective historical memory of the "Povoado do Peixe," a rural community located in the municipality of Lajedo do Tabocal, Bahia. Anchored in the field of ethnic relations and contemporaneity, the research aims to understand how ancestral knowledge, transmitted primarily through orality, operates as a device for memory, care, and cultural resistance in daily community life, focusing on the life trajectory and practices of the healer ("benzedeira") Dona Maria Meira. The investigation is based on a qualitative approach, grounded in the Life History method, understanding memory as a social, situated, and relational construction. Methodological procedures included narrative interviews and field diary entries, respecting the ethical criteria established by the Research Ethics Committee. Results indicate that the blessing and care practices performed by Dona Maria constitute complex knowledge systems, supported by ancestry and a relational ethic, functioning as true social technologies of everyday life. It is further evidenced that such knowledge remains alive and resilient, including through contemporary technological mediations. The study concludes that recognizing these practices strengthens community cultural identity, values traditional knowledge, and contributes to the debate on epistemological plurality. As an outcome, the research produced an e-book aimed at documenting and disseminating Dona Maria's memories as a strategy for social feedback and strengthening community identity.

Keywords: Blessing (*Benzeção*). Memory. Life History. Ancestral Knowledge. Cultural Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Lajedo do Tabocal no Território Vale do Jequiriçá (BA).	22
Figura 2 – Dona Maria aos 40 anos, em fotografia de identidade	32
Figura 3 – Integrantes da família de Maria Meira.....	35
Figura 4 – Autorização policial para festejar os santos de devoção	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Rezas e doenças tratadas por Dona Maria	41
Quadro 2 – Descrição dos partos realizados por Dona Maria Meira	46
Quadro 3 – Plantas medicinais	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos tipos de partos feitos por Maria	45
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BA – Bahia

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

E-BOOK – Livro digital

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas

PDF – Portable Document Format (Formato Portátil de Documento)

PICs – Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

PPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

PPGREC – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade

SISU – Sistema de Seleção Unificada

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

ONDE TUDO COMEÇA	15
CAPÍTULO 1. PERCURSO METODOLÓGICO	19
1.1 Caracterização do <i>lócus</i> da pesquisa	22
1.2 Entre memória, ancestralidade, oralidade e ritual: fundamentos teóricos dos saberes de cura.....	23
1.3 Desdobramentos do produto: escrita, memória e circulação digital dos saberes	25
CAPÍTULO 2. SABERES FEMININOS , PRÁTICAS DE CURA E FEITIÇARIA NO BRASIL COLONIAL	27
2.1 Corpo feminino, controle social e resistência	28
2.2 Saberes ecológicos e saúde	30
CAPÍTULO 3. DONA MARIA: ENTRE REZAS, PARTOS E BENZIMENTOS MEMÓRIAS DE UMA VIDA DEDICADA AO CUIDADO	34
3.1 As primeiras benzeções: quando o dom se manifesta.....	38
3.2 Tornar-se Parteira: aprender fazendo.....	43
3.3 O quintal como território de saber: ancestralidade, oralidade e cuidado.	48
3.4. O saber que incomoda: conflito, negociação e resistência nas práticas de benzeção.....	51
3.5.“Era só chamar que ela vinha”: a benzedeira-parteira do Povoado do Peixe a partir das narrativas comunitárias	54
MEMÓRIAS INCONCLUSAS: SABERES EM MOVIMENTO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXO A- Parecer consubstanciado do CEP	66
ANEXO B- Termo de autorização/Uso de nome	71
ANEXO C- Declaração de compromisso para pesquisa com seres humanos.....	72
ANEXO D-Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos.....	74
APÊNDICE A- Roteiro de entrevista com a benzedeira do Povoado do Peixe Ba.....	75
APÊNDICE B- Entrevistas com os moradores do Povoado do Peixe-Ba.....	76
APÊNDICE C- Tabela de Revisão de Literatura	77
APÊNDICE D- livro de contos “Pelas mãos de Dona Maria”	78

ONDE TUDO COMEÇA

*“Por trás de mim estão todos os meus ancestrais me dando força.
A vida passou através deles até chegar a mim.
E em sua honra a viverei plenamente.”*

(HELLINGER, Bert)

Querida pessoa que agora me acompanha com os olhos e com o sentir, este texto nasce da escuta, da memória e do gesto de benzer que atravessam minha história e a do povoado onde cresci. Este trabalho de pesquisa constitui-se como uma oportunidade de revisitar minhas memórias, os caminhos percorridos na educação e minha trajetória acadêmica, compreendendo que revisitar é, também, reviver. Refletir sobre as transformações que marcaram minha história de vida é reconhecer que foi preciso atravessar limites, medos e desafios, em um percurso sustentado pela persistência, pela resistência e pelo compromisso com a educação.

Desde muito cedo, a memória foi, para mim, mais do que lembrança: foi presença. Cresci no Povoado do Peixe, cercada pelos cheiros da terra molhada, pelas vozes de mulheres sábias e por rituais cotidianos que, à época, pareciam parte natural da vida. Somente mais tarde, já adulta e pesquisadora, compreendi que minha infância foi atravessada por verdadeiros fragmentos de ancestralidade. As benzeções realizadas por minha avó, acompanhadas de rezas baixas e ramos verdes, não se restringiam a gestos de cura, mas constituíam formas de cuidado herdadas e transmitidas entre gerações.

Reconheço que escrever esta pesquisa é também escrever sobre mim mesma, não apenas como sujeito que investiga, mas como sujeito implicado e constituído por essa mesma história. A escolha pelos caminhos da memória, da oralidade e da ancestralidade configura-se, portanto, como uma escolha ética, política e afetiva, orientada à valorização dos saberes populares, das práticas tradicionais e dos modos de existência historicamente silenciados.

Sou Ivana, mulher da roça, nordestina e educadora, filha de lavradores. Minha trajetória acadêmica e docente, iniciada na escola pública e consolidada no Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB), é marcada por um profundo sentimento de pertencimento ao Povoado do Peixe.

Sou neta de uma benzedeira, e é a partir dessas ancestralidades e saberes que emerge o interesse por esta pesquisa. Dona Maria, de Virgílio, mais conhecida como Mãe Maria, mulher preta, atualmente com 86 anos, construiu sua história em meio a desafios e enfrentamentos, dedicando-se ao cuidado e ao amor ao próximo. Para além das benzeduras, organizava carurus

em devoção a Santa Bárbara, reunindo a comunidade em momentos de fé, celebração e partilha, práticas indissociáveis da memória coletiva local.

Desde cedo, acompanhei suas práticas e seu cuidado com os outros. Vivi cercada por histórias narradas à beira do fogão, por rezas sussurradas e por mãos que curavam com folhas, palavras e gestos carregados de saberes ancestrais. Recordo-me de sua orientação firme: “descruze os braços e as pernas para ser benzida”, bem como de seu conhecimento preciso sobre os ramos adequados a cada tipo de benzeção. Em certa ocasião, quando minha irmã foi picada por uma aranha, observei minha avó utilizar folhas de mamona (*Ricinus communis* L.) sobre o ferimento, enquanto murmurava orações, em um gesto de cura que marcou profundamente minha infância.

Chamava-me a atenção o movimento constante em sua casa, sempre repleta de pessoas em busca de orientações, remédios caseiros ou benzeções. Lembro-me, em especial, de uma senhora que levou o neto para ser “rezado de vento caído”. Minha avó colocou a criança em seu colo, benzeu-a com folhas, massageou-lhe a barriga, ergueu seus pés em movimentos ritmados e, por fim, soprou-os. Também benzia dores de dente, espinhela caída, dor de cabeça, entre outras aflições do corpo e da alma.

Escrever sobre os saberes e fazeres de cura dessa matriarca constitui-se como um gesto de resistência ao esquecimento. Registrar, valorizar e compartilhar esses conhecimentos significa reconhecer práticas que sustentam a vida comunitária, mas que frequentemente são invisibilizadas pelos discursos hegemônicos. Trata-se de afirmar que esses saberes, embora situados fora da academia, representam fontes legítimas de cuidado, sabedoria e existência.

Durante a adolescência, intensifiquei minha participação em associações locais e na igreja, espaços nos quais compreendi que a ancestralidade também se manifesta na escuta, na partilha e no serviço ao outro. Foi nesse período que reconheci que as histórias e práticas que me acompanharam desde a infância não eram apenas experiências individuais, mas memórias coletivas ameaçadas pelo esquecimento e pela.

A memória escolar entrelaça-se à familiar e à comunitária, compondo um mosaico de experiências que me formaram como estudante e como sujeita comprometida com o bem viver coletivo. Fui alfabetizada na Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães, localizada na zona rural, onde concluí os anos finais do Ensino Fundamental. Aos quinze anos, iniciei o Ensino Médio no Colégio Estadual Fernando Presídio, em Lajedo do Tabocal, concluindo-o em 2007. O percurso foi marcado por desafios, como o deslocamento diário até a cidade e a escassez de

recursos financeiros, que não impediram a permanência do desejo de estudar e transformar minha realidade por meio da educação.

Após a conclusão do Ensino Médio, mantive uma rotina intensa de estudos autônomos e preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em 2011, obtive uma média que possibilitou meu ingresso na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Em 2012, iniciei o curso de Licenciatura em Letras, concluído em 2016.

Durante a graduação, atuei como estagiária na secretaria dos cursos de extensão e ministrei aulas de Literatura Afro-Brasileira no Projeto Êre, vinculado ao ODEERE — Órgão de Educação e Relações Étnicas. As leituras, os debates e as trocas vivenciadas ao lado do professor Manoel Santana (Dhemmys) e da professora griô Antônia foram fundamentais para minha formação, despertando inquietações que me conduziram ao ingresso no Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB).

Em 2021, atuei como monitora do programa “Novo Mais Educação” na Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães, oferecendo aulas de reforço em Língua Portuguesa e Matemática. Retornar à escola onde fui alfabetizada, agora como professora, representou um gesto simbólico de retribuição. Atualmente, atuo como educadora social na mesma instituição, na proposta de Educação Integral em tempo integral, reafirmando a convicção de que a educação é instrumento fundamental de transformação social.

Minha trajetória acadêmica e docente tem raízes em uma pequena comunidade do interior da Bahia e se fortalece no âmbito do PPGREC. Reconheço-me como fruto da escola e da universidade pública e assumo o compromisso ético com a educação e com a valorização dos saberes ancestrais que sustentam a memória, a identidade e a resistência do Povoado do Peixe.

Considerando essa relevância, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender de que maneira as memórias e os rituais de benzeção e parto contribuem para a preservação da história e da identidade cultural da comunidade rural do Povoado do Peixe. A investigação parte do entendimento de que tais saberes, transmitidos pela oralidade e pela vivência, constituem formas legítimas de conhecimento. Para alcançar esse propósito, delineiam-se os seguintes objetivos específicos: identificar as memórias coletivas dos moradores sobre tais práticas; compreender o papel da benzedeira na transmissão de saberes de cura; e contribuir para a difusão desse legado por meio de estratégias de socialização do conhecimento.

No que se refere à articulação metodológica, esta pesquisa fundamenta-se no método da História de Vida, entendendo que a escuta atenta é o caminho privilegiado para acessar significados. A escolha justifica-se pelo fato de os saberes das benzedadeiras e parteiras não se encontrarem sistematizados em registros escritos, sendo preservados pela fala e pelo gesto. Para sustentar essa análise, utilizei como instrumentos de coleta de dados as entrevistas narrativas e o diário de campo, que permitiram registrar não apenas fatos, mas afetos, valores e modos de existir. Detalharei esses procedimentos e os critérios éticos adotados no primeiro capítulo, reafirmando o respeito absoluto às histórias compartilhadas.

Por fim, esta dissertação está organizada em três capítulos. O Capítulo 1 apresenta o percurso metodológico, o lócus da pesquisa e os fundamentos teóricos que norteiam a discussão sobre memória, oralidade e ancestralidade. O Capítulo 2, intitulado "*Dona Maria: entre rezas, partos e benzimento*", dedica-se à trajetória de vida da interlocutora, destacando seu papel comunitário e a transmissão intergeracional de saberes. O Capítulo 3, "*Memórias inconclusas: Saberes em movimento*", reflete sobre a continuidade e a transformação dessas práticas no tempo presente, reconhecendo que a memória viva nunca está completa, pois se atualiza constantemente.

CAPÍTULO 1. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos desta pesquisa, a qual se fundamenta no método da História de Vida. Esta escolha justifica-se pela necessidade de compreender a memória histórica coletiva do Povoado do Peixe a partir da trajetória de Dona Maria Meira, cujas vivências operam como eixo articulador das práticas de cuidado e saberes ancestrais. A História de Vida permite acessar a complexidade do sujeito, não apenas como informante, mas como guardião de um patrimônio cultural imaterial que é ativado e preservado por meio de suas narrativas.

Nesse contexto, o partejar é entendido não apenas como uma prática técnica de acompanhamento do nascimento, mas como um saber tradicional que articula corpo, espiritualidade, experiência e cuidado comunitário. Assim como a benzeção, o partejar constitui-se como um conhecimento transmitido por meio da vivência, da escuta e da prática cotidiana, revelando formas próprias de produção e circulação de saberes no interior da comunidade.

O presente trabalho insere-se em um campo interdisciplinar, articulando aportes da História da Ciência e da História da Medicina com contribuições das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia. Ao investigar as práticas de benzeção e o partejar no Povoado do Peixe, a pesquisa desloca o olhar biomédico tradicional e privilegia uma compreensão ampliada da saúde como fenômeno social, cultural e histórico. Esta abordagem reconhece os saberes tradicionais como formas legítimas de produção de conhecimento, rompendo com a hierarquização epistemológica que historicamente marginalizou tais práticas.

Quanto à natureza da pesquisa, trata-se de um estudo qualitativo, pois busca compreender significados, valores, crenças e práticas sociais que não se expressam de forma numérica. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa permite interpretar fenômenos complexos, considerando as dimensões simbólicas e subjetivas da realidade social. Nessa mesma direção, Denzin e Lincoln (2006) destacam que esse tipo de abordagem possibilita uma leitura sensível das experiências humanas, respeitando os contextos e as singularidades dos sujeitos envolvidos.

A produção e mediação dos dados foram estruturadas pela triangulação de técnicas complementares, que conferem densidade à análise:

- a) **Entrevistas Narrativas (História de Vida):** As informações relativas à trajetória familiar, nascimento e vivências de infância de Dona Maria foram obtidas por meio de

entrevistas narrativas, realizadas entre os meses de fevereiro a abril de 2025, no domicílio da interlocutora. O registro das falas foi realizado mediante consentimento prévio, através de anotações em diário de campo e, quando pertinente, gravação, constituindo a fonte primária de dados desta pesquisa. Estas entrevistas permitiram que Dona Maria tecesse sua trajetória, valorizando a oralidade como fonte legítima.

- b) **Diário de Campo:** Funcionou como o repositório da vivência, registrando não apenas os relatos orais, mas os silêncios, os gestos, a ambiência dos quintais e a ritualística observada durante o período de convivência com a interlocutora. Foi no diário de campo que se consolidou a análise do cotidiano, transformando a observação em um registro documental da prática viva.
- c) **Análise de Documentos e Registros Visuais:** A utilização de fotografias e outros registros funcionou como suporte de ancoragem para a memória narrada, servindo como evidências simbólicas que corroboram a trajetória estudada.
- d) **Amostragem em Bola de Neve¹ (Snowball Sampling):** Utilizada para a definição de interlocutores adicionais, esta técnica permitiu localizar moradores com vivências significativas sobre as práticas de cuidado locais, a partir de indicações sucessivas (Bockorni & Gomes, 2021).

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma presencial com registro em áudio, além da coleta de registros fotográficos, rezas, orações e narrativas espontâneas. As entrevistas com Dona Maria foram conduzidas em diferentes momentos, respeitando seu ritmo, disponibilidade e as condições próprias da oralidade, permitindo que as memórias emergissem de forma livre e afetiva.

Embora a História de Vida de Dona Maria constitua o foco analítico central, a pesquisa contou também com entrevistas realizadas com outros moradores do Povoado do Peixe, selecionados por meio da técnica de amostragem em bola de neve (*snowball sampling*). Os participantes foram definidos a partir de critério etário pessoas com 50 anos ou mais, considerando seu tempo de vivência na comunidade e proximidade com a trajetória de Dona Maria, o que lhes confere conhecimento sobre a história local e as práticas de cuidado. Ao todo, nove pessoas foram entrevistadas. Para fins de apresentação neste trabalho, optou-se por

¹ Para a definição dos interlocutores adicionais, utilizou-se a técnica de amostragem em bola de neve, procedimento não probabilístico adequado para a localização de grupos com saberes especializados em comunidades de pequeno porte. A partir de contatos iniciais com lideranças locais e com a própria Dona Maria, os participantes foram indicados sucessivamente, formando uma rede que permitiu alcançar moradores com vivências significativas sobre as práticas de benzeção e o histórico do povoado.

destacar as falas de cinco interlocutores, cujos relatos se mostraram mais densos e recorrentes. Esse recorte atende a um critério analítico que privilegia a profundidade interpretativa e a relevância temática, conforme orientam os pressupostos da pesquisa qualitativa (Creswell, 2007).

Esses participantes não são tratados como sujeitos centrais da análise, mas como fontes de suporte contextual e conceitual, cujos relatos auxiliaram na reconstrução das memórias coletivas do povoado, evidenciando como os rituais de cura são práticas simbólicas carregadas de valores e sentidos compartilhados pela comunidade.

Para a análise dos dados, adotou-se uma abordagem interpretativa, articulando as narrativas produzidas no campo aos conceitos teóricos de memória, ancestralidade e oralidade. A triangulação entre entrevistas, observações, registros visuais e diário de campo constitui uma estratégia metodológica de validação da pesquisa, conforme propõe Denzin (2006), fortalecendo a consistência analítica e a credibilidade dos resultados.

No que se refere aos aspectos éticos, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), respeitando os princípios da autonomia e da dignidade. Optou-se pela exposição nominativa, visto que a preservação da memória histórica coletiva do Povoado do Peixe, conforme desejo dos interlocutores, demanda o reconhecimento de seus agentes como guardiões dos saberes. Todos assinaram o TCLE com autorização de uso de imagem e nome.

Por fim, compreende-se que esta investigação é atravessada por vínculos afetivos e territoriais. O posicionamento da pesquisadora exige vigilância ética constante para traduzir, sem capturar, os saberes do outro, reafirmando que toda pesquisa é situada, marcada por parentesco, memória, trabalho e espiritualidade.

Nesse contexto, figuras como benzedeiras e parteiras ocupam o papel de mediadoras sociais. Segundo Langdon (1995), o sistema de cura tradicional não se limita à dimensão biológica, mas integra o corpo, o espírito e a rede social do paciente. A atuação dessas especialistas envolve, além do domínio técnico da natureza, uma "escuta sensível" que legitima sua autoridade perante o grupo, transformando elementos simples como ervas colhidas nos quintais e orações ritualizadas em instrumentos de coesão comunitária. É nesta teia de saberes que se insere a trajetória de Dona Maria, a "Mãe Maria", cuja história de vida se entrelaça à própria memória do povoado.

Dona Maria é reconhecida como uma autoridade terapêutica e espiritual, sendo procurada para garantir o bem-estar integral de quem a busca. Conforme discute Minayo et al. (2015), a centralidade do saber popular reside exatamente nessa capacidade de responder às aflições humanas de forma integral, respeitando o contexto cultural dos sujeitos.

Assim, o Povoado do Peixe configura-se não apenas como um espaço físico, mas como um território simbólico onde a memória e a ancestralidade se encontram. A escolha deste lócus justifica-se pela relevância dessas práticas como patrimônios culturais imateriais, essenciais para a preservação da identidade local frente às transformações contemporâneas.

1.2 Entre memória, ancestralidade, oralidade e ritual: fundamentos teóricos dos saberes de cura

A caracterização do Povoado do Peixe, apresentada até aqui, revela um território que vai além de sua dimensão geográfica. É um espaço de produção de saber, onde as dinâmicas comunitárias e as práticas de cura locais tornam-se o campo empírico para compreender sistemas de conhecimentos mais amplos. Assim, o contexto comunitário aqui descrito não é um fato isolado, mas uma expressão local de uma tradição viva de resistência, que se articula a partir de eixos como a memória, a oralidade e a ancestralidade. É sobre estes fundamentos conceituais, que conferem sentido político e epistemológico ao ofício das especialistas como Dona Maria, que se debruçará a análise teórica a seguir.

Parte-se do entendimento de que práticas como a benzeção não podem ser compreendidas à margem dos processos históricos que as constituíram. Desde o período colonial, parteiras e benzedeiras ocuparam um lugar central na garantia da vida e no cuidado com o corpo e o espírito, especialmente entre populações negras, indígenas e camponesas.

Esses saberes, transmitidos majoritariamente por mulheres, configuram uma ciência popular construída no cotidiano, na experiência e na observação, que, embora dialogue com a racionalidade biomédica, dela se distingue. Conforme demonstra Campos (2022), o conhecimento das ervas e das práticas de cura constitui um patrimônio imaterial sustentado pela memória coletiva e pela transmissão intergeracional, ainda que frequentemente invisibilizado pelas políticas oficiais de patrimônio. De forma convergente, Cunha (2009) evidencia que tais práticas se estruturam na oralidade e na atuação social das mulheres como agentes centrais da saúde comunitária.

Nesse sentido, a benzeção inscreve-se em um campo de disputas simbólicas. Conforme Oliveira (2018), a bênção é um veículo relacional que articula solidariedade e pertencimento, conectando o mundo sagrado ao cotidiano. Trata-se de uma prática social ampla, que atravessa relações de parentesco, compadrio e vizinhança, assumindo contornos de uma mediação que extrapola a cura e assume um caráter educativo. Historicamente, contudo, esses saberes foram alvo de perseguição e controle social.

Como destaca Oliveira (1985), durante o período colonial, a Igreja Católica exerceu um controle violento sobre mulheres consideradas portadoras de poderes sobrenaturais, associando-as à feitiçaria por romperem com as normas morais vigentes. Essa marginalização persiste, sob novas formas, na contemporaneidade, revelando tensões entre o conhecimento tradicional e o saber científico institucionalizado (Ferreira, 2023; Rodrigues, 2018).

Apesar desse histórico, as práticas de benzeção resistiram, sustentadas pela memória coletiva. Halbwachs (1990) contribui de forma decisiva ao afirmar que a memória individual não se constrói de forma isolada, mas em relação com o grupo social. Para o autor:

É preciso, para reconstituir o próprio passado, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela [...]. A memória coletiva, por outro lado, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas” (Halbwachs, 1990, p. 52).

Nessa perspectiva, a memória é uma estrutura viva que orienta e dá sentido às experiências compartilhadas. Ela não se transmite apenas pelo relato linear, mas se corporifica na performance ritual. Aqui, o aporte de Martins (2001) é fundamental ao definir a cultura negra como um lugar de encruzilhadas, resultante do trânsito entre sistemas simbólicos africanos, europeus e indígenas. Tal noção de encruzilhada permite compreender os processos transculturais que estruturam as manifestações culturais brasileiras, marcadas por diálogo e recriação contínua.

A relação entre memória, oralidade e ancestralidade também é iluminada por Hampâté Bâ (2010), que destaca que, nas sociedades de tradição oral, o conhecimento reside na

experiência vivida. A ancestralidade, portanto, não é um passado fossilizado, mas uma força viva que estrutura o presente. Como afirma Oliveira (2001, p. 2), a ancestralidade converte-se em “categoria analítica para compreender uma epistemologia que interpreta seu próprio regime de significados a partir do território que produz seus signos de cultura”. Essa dimensão performática e ritualística, capaz de agir sobre os corpos e crenças, é o que Bourdieu (2009) identifica como disposições incorporadas, reativadas por palavras, gestos e ritmos.

Nesse quadro teórico, a benzeção emerge como prática que articula memória, ancestralidade e ciência popular. A benzedeira, como cientista de seu meio, exerce um ofício que é, simultaneamente, espiritual, social e político. Este capítulo estabeleceu, assim, as bases conceituais para analisar o caso do Povoado do Peixe. A inexistência de estudos dedicados a este território reforça o caráter inédito desta pesquisa, que se propõe a contribuir para o reconhecimento das benzeções como patrimônio vivo, abrindo caminho para a narrativa da vida de Dona Maria e para o percurso investigativo subsequente.

1.3 Desdobramentos do produto: escrita, memória e circulação digital dos saberes

A compreensão dos saberes tradicionais como patrimônios vivos, discutida na fundamentação teórica, implica um compromisso com a continuidade desses conhecimentos. Reconhecendo que a oralidade e a ancestralidade não são elementos estáticos, mas dinâmicas em constante mutação, a presente pesquisa assume o desafio de transpor o registro acadêmico para estratégias de circulação social. É nesta perspectiva de responsabilidade ética e retorno à comunidade que se situam os desdobramentos desta investigação, compreendidos como extensões contemporâneas da transmissão de saberes.

A partir do percurso investigativo e das experiências de imersão no campo, emergiu a necessidade de ampliar as formas de circulação dos saberes das benzedeiros para além do produto audiovisual inicialmente proposto. Nesse sentido, delineia-se como desdobramento desta pesquisa o desenvolvimento de um livro em formato digital (e-book), voltado ao registro da trajetória de uma benzedeira na comunidade, bem como a manutenção e fortalecimento de um canal de comunicação digital por meio da rede social Instagram, intitulado Saberes e Memórias.

Esses desdobramentos não se configuram como produtos de caráter profissional ou mercadológico, mas como ações de natureza formativa, educativa e memorial, alinhadas aos objetivos da pesquisa e ao compromisso ético com a preservação e valorização dos saberes ancestrais. O e-book tem como finalidade narrar a trajetória da benzedeira no contexto

comunitário, destacando suas práticas, memórias, aprendizados e vínculos com o território, respeitando a oralidade como eixo estruturante da narrativa.

O perfil Saberes e Memórias surge como um espaço de compartilhamento contínuo desses saberes, funcionando como um arquivo vivo e em movimento, no qual histórias, reflexões, práticas e memórias são socializadas em linguagem acessível, dialogando com públicos diversos. Trata-se de uma estratégia de atualização das formas de transmissão do conhecimento ancestral, sem romper com seus fundamentos éticos e simbólicos, mas reconhecendo as mediações tecnológicas como parte da vida contemporânea. Assim, tanto o e-book quanto o canal digital configuram-se como extensões do produto principal, reforçando o compromisso da pesquisa com a democratização do conhecimento, a educação patrimonial e a valorização das práticas tradicionais de cuidado, em consonância com as transformações nos modos de comunicação e circulação de saberes na atualidade.

CAPÍTULO 2. SABERES FEMININOS, PRÁTICAS DE CURA E FEITIÇARIA NO BRASIL COLONIAL

A análise acerca da saúde feminina no período colonial insere-se no campo da história cultural e das mentalidades. Conforme Melo (2024), discursos religiosos, médicos e morais da época foram fundamentais para a construção de uma visão hierarquizada e misógina do corpo feminino. O Brasil colonial, como extensão do projeto português, importou e reinterpretou concepções europeias que associavam a mulher ao pecado e à instabilidade moral.

Nesse cenário, o corpo feminino foi construído como território simbólico de disputa entre forças religiosas, sendo frequentemente associado à ideia de desordem. Como aponta Del Priore (2004, p. 23, apud MELO, 2024), "num cenário em que doença e culpa se misturavam, o corpo feminino era visto [...] como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam".

Essa leitura revela, à luz de Foucault (1987), a existência de uma política do corpo, em que o saber médico-religioso atua como instrumento de poder. O útero, central na medicina colonial, reduzia a mulher à sua função reprodutiva. Contudo, Melo (2024) demonstra que as mulheres desenvolveram estratégias de resistência por meio de práticas populares de cura, transformando o espaço colonial em campo simultâneo de opressão e reinvenção. Excluídas dos espaços formais de produção do conhecimento, elas criaram uma “medicina feminina”, alicerçada na experiência, na oralidade e na relação íntima com a natureza. Rezadeiras, benzedeiras e curandeiras atuavam como mediadoras entre o mundo material e o espiritual, oferecendo cuidados que transcendiam o corpo físico.

Tais saberes eram profundamente marcados pelo sincretismo. Conforme aponta Pinto (2010, p. 54): "A oralidade não é ausência de conhecimento, mas uma forma distinta de produção e transmissão do saber. Melo (2024) ressalta que essas práticas estavam inseridas em redes de solidariedade feminina, embora atravessadas por hierarquias de raça e classe evidenciando que a desvalorização desses saberes está umbilicalmente ligada à colonialidade do poder (Quijano, 2005).

Isso evidencia que a desvalorização desses saberes está umbilicalmente ligada à colonialidade do poder (Quijano, 2005). A discussão sobre práticas de cura conduz ao fenômeno da feitiçaria, que, em diálogo com Souza (1986, p. 155 apud Melo, 2024), foi "uma das formas de ajuste do colono ao meio que o circundava". A repressão inquisitorial foi intensa, pois, como argumenta Federici (2017), a perseguição às mulheres fazia parte de um processo de controle dos corpos e destruição de saberes autônomos.

A naturalização do cuidado como "vocação natural" é uma construção ideológica (Badinter, 1985). O resgate dessas trajetórias exige deslocar o olhar historiográfico tradicional que privilegiou "grandes personagens", em detrimento da vivência dos sujeitos comuns (Pesavento, 1995). Nesse sentido, o silêncio feminino não deve ser lido como ausência, mas como estratégia de proteção. Como afirma Perrot (2006, p. 16): "Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade."

O cotidiano feminino no campo, marcado pela sobrecarga entre o trabalho produtivo e reprodutivo, contribuiu para a invisibilização dessas contribuições sociais (Tedeschi, 2009). As práticas de benzimento articulam o sagrado e o empírico. Para Maciel e Neto (2006, p. 3): "[...] os benzedores atuam como intermediários entre o ser humano e o sagrado."

Essa mediação revela uma prática híbrida que, embora perseguida, sustentou a sobrevivência de comunidades (Michelet, 2003). Conclui-se, portanto, que os saberes femininos não são superstições, mas epistemologias insurgentes. A colonialidade do poder (Quijano, 2005) tentou hierarquizar os saberes, mas a memória coletiva garantiu a continuidade dessas práticas. A subjetividade dessas mulheres manifesta-se pela fala, pelos gestos e silêncios, revelando que a história do Brasil não pode ser compreendida sem o protagonismo dessas guardiãs da ancestralidade. Para compreender a complexidade desse protagonismo, este capítulo organiza-se em dois eixos complementares: primeiramente, analisa-se, no subcapítulo 2.1, a construção histórica do corpo feminino como território de disputa entre o controle social e a resistência. Em seguida, o subcapítulo 2.2 aprofunda a articulação entre esses saberes e a dimensão ecológica do cuidado, demonstrando como a medicina popular, longe de ser um saber isolado, configura uma racionalidade insurgente de manutenção da vida.

2.1 Corpo feminino, controle social e resistência

A medicina ocidental, especialmente no contexto colonial, contribuiu para a construção de uma visão normativa e controladora do corpo feminino. Conforme Del Priore (2004) e em diálogo com Foucault (1987), o corpo da mulher foi historicamente associado à desordem, tornando-se alvo de vigilância e disciplinamento. O corpo feminino torna-se, assim, um território de disputa entre o controle social e a autonomia.

No entanto, nas práticas das benzedadeiras e parteiras, o corpo ressignifica-se como território de agência, memória e cuidado, rompendo com a lógica de submissão imposta historicamente. Essa ressignificação revela o corpo como espaço ativo de produção de saber e

resistência. As práticas de cuidado desenvolvidas por mulheres em comunidades tradicionais como a benzeção e o parto constituem um campo de saber historicamente construído a partir da experiência, da oralidade e da relação com o território. Não devem ser compreendidas como atividades auxiliares ou secundárias, mas como formas legítimas de conhecimento, produzidas no cotidiano e transmitidas entre gerações. Como aponta Michelet (2003), durante séculos, foram as mulheres, especialmente as camponesas, as principais responsáveis pelo cuidado com a saúde, desenvolvendo saberes baseados na observação da natureza, no uso de ervas e em práticas rituais. Evidencia-se, assim, uma ciência empírica fundamentada na prática cotidiana.

A compreensão dos saberes de cura presentes no Povoado do Peixe exige um olhar atento para a história das mulheres, especialmente daquelas que, ao longo do tempo, foram responsáveis pelo cuidado e pela manutenção da vida. Historicamente, as mulheres rurais ocuparam um lugar central nas práticas de cura, ainda que esse papel tenha sido sistematicamente invisibilizado pelos discursos científicos hegemônicos. Compreender a atuação dessas mulheres implica reconhecer que seus saberes foram construídos em contextos marcados por relações patriarcais, nas quais o conhecimento feminino foi frequentemente deslegitimado ou associado à ideia de superstição (Federici, 2017).

Além disso, tais saberes estruturam-se em contextos de precariedade de assistência institucional. A atuação das parteiras, por exemplo, estava diretamente relacionada à necessidade de cuidado mútuo, estabelecendo laços de proximidade e confiança entre parteiras e famílias que ultrapassavam o momento do nascimento, estendendo-se por toda a vida comunitária. Nessas relações, o ato de cuidar assume um caráter ético e coletivo (Certeau, 2014). É importante destacar, todavia, que essas práticas não se desenvolveram de forma isolada, mas em meio a processos históricos marcados por relações de poder. Conforme analisa Souza (1986), no período colonial, práticas como a benzeção e o uso de ervas foram frequentemente associadas à feitiçaria e, por isso, alvo de repressão. Ainda assim, tais práticas resistiram e se reinventaram, articulando diferentes matrizes culturais indígenas, africanas e europeias e constituindo um sistema híbrido de saberes (Silva, 2009).

A dimensão sensível e relacional desse cuidado é evidenciada na atuação das parteiras. Como apontam os relatos, essas mulheres reconhecem os medos e as dores das parturientes porque, em muitos casos, vivenciaram experiências análogas, oferecendo não apenas assistência física, mas também apoio emocional e simbólico. Essa dimensão reforça que o conhecimento dessas mulheres não se limita ao domínio técnico, mas envolve uma

compreensão ampliada da experiência humana, na qual corpo, emoção e contexto social estão profundamente interligados (Badinter, 1985).

Vale ressaltar que a própria noção de maternidade associada a essas práticas deve ser problematizada. Conforme discute Badinter (1985), o "instinto materno" é uma construção histórica, não um dado natural. Assim, ao mesmo tempo em que essas mulheres exercem protagonismo, estão atravessadas por normas sociais que naturalizam o papel da mulher como a única responsável pelo cuidado. A transmissão desses saberes, pautada na oralidade e na observação, reforça que os conhecimentos tradicionais são dinâmicos e situados, constantemente recriados pelas condições concretas da vida (Santos, 2000). Ademais, a noção de “dom” frequentemente atribuída a elas revela uma dimensão ética e espiritual, na qual o cuidado é entendido como responsabilidade coletiva (Luz, 2005).

Em síntese, o silêncio presente nos relatos dessas mulheres constitui um elemento significativo de análise. Frequentemente, elas naturalizam os papéis sociais que lhes foram atribuídos, evitando problematizar as dificuldades enfrentadas. Esse silêncio não é ausência, mas resultado de processos históricos de invisibilização do trabalho feminino. Dar visibilidade a essas narrativas implica reconhecer não apenas os saberes produzidos, mas as condições sociais que moldaram tais trajetórias. Ao situar o corpo feminino como este primeiro território de resistência, é necessário agora aprofundar a análise sobre como esse conhecimento se organiza tecnicamente e simbolicamente no trato com a natureza, tema que será desenvolvido no subcapítulo a seguir, dedicado aos saberes ecológicos e à racionalidade do cuidado.

2.2 Saberes ecológicos e saúde

O uso de ervas nas práticas das benzedeiras não constitui um saber empírico isolado, mas revela um sistema complexo que articula natureza, espiritualidade e experiência coletiva. Conforme apontam Gewehr et al. (2017), essas práticas evidenciam um profundo conhecimento ecológico, que resiste à hegemonia da biomedicina em contextos onde o modelo médico formal não abarca as múltiplas dimensões do cuidado. O uso de chás, garrafadas e rezas não responde apenas a necessidades imediatas de saúde, mas estrutura um sistema simbólico que integra corpo, espírito e comunidade, configurando uma racionalidade própria.

Ao dialogar com Rodrigues (2001), compreende-se que tais práticas são o resultado de um longo processo de constituição da medicina popular brasileira, resultante da articulação entre tradições europeias, indígenas e africanas. Nesse sistema, categorias como “reima” e

“reimoso” demonstram que o conhecimento popular estabelece classificações próprias sobre o corpo e seus desequilíbrios.

Como observa Rodrigues (2001, p. 136): "Configura um sistema de classificação das doenças e alimentos que não apenas orienta condutas alimentares, mas organiza a percepção social da saúde e da doença."

Essa lógica coerente, embora distinta da racionalidade biomédica, integra-se ao movimento de reabilitação das medicinas populares na América Latina, fenômeno que, segundo Luz (2005, p. 153), representa uma "reabilitação das medicinas populares ou *folk* do país", sendo um evento histórico que responde, em parte, à incapacidade do modelo biomédico de abarcar a subjetividade do adoecimento.

A relação entre território e cura revela que o saber sobre as plantas é tanto técnico quanto simbólico (Santos, 2000). Esse conhecimento não é estático; ele é constantemente ressignificado no cotidiano. No Povoado do Peixe, essa vivência manifesta-se também na figura da parteira, cujo ofício não se limita ao ato técnico, mas envolve rituais que reafirmam a relação entre o corpo e o sagrado. A trajetória de Dona Maria exemplifica essa interseção entre o "dom de benzer" e o "ofício de partejar", revelando um compromisso coletivo com a manutenção da vida.

Essa perspectiva dialoga com a incorporação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) no Sistema Único de Saúde (SUS), que propõe uma mudança de paradigma ao valorizar a relação entre indivíduo, natureza e comunidade (Brasil, 2015). Estudos etnobotânicos contemporâneos reforçam que essa continuidade é sustentada pela memória e pela oralidade (Fontenele; Rosal, 2024). Práticas como o uso do alecrim e da arruda, que transitam entre a culinária e a terapêutica, revelam a fluidez desses saberes (Hoffmann, 2011).

Por fim, a articulação dessas práticas com a religiosidade frequentemente descrita como um "catolicismo rústico" não deve ser lida como mera superstição. Como aponta Floresta (2016, p. 7), a benzedeira compreende-se como "instrumento de Deus", uma mediadora que integra dimensões emocionais e espirituais ao cuidado físico. Sob a ótica de Quijano (2005), compreendemos esses saberes como formas de resistência à colonialidade do poder: são epistemologias insurgentes que desafiam a hegemonia científica moderna ao afirmarem outras formas de produzir e validar o conhecimento.

Nesse universo de saberes de cura, a figura da parteira ocupa um lugar central. No Brasil, o parto assistido por parteiras foi, durante muito tempo, a principal forma de nascimento,

sobretudo em áreas rurais. Na Bahia, essa prática mantém-se viva, sustentada por saberes transmitidos entre gerações e por uma profunda conexão com o corpo e com os ciclos da vida. No Povoado do Peixe, o parto não se limita a um ato técnico, mas envolve rezas, cantos e rituais que reafirmam a relação entre corpo, espírito e comunidade.

Nesse sentido, a trajetória de Dona Maria de Virgílio evidencia a interseção entre o dom de benzer e o ofício de partejar, revelando uma prática que integra diferentes dimensões do cuidado. Seu saber, construído a partir da experiência, da espiritualidade e da escuta sensível, demonstra que o ato de cuidar vai além da técnica, constituindo-se como expressão de compromisso coletivo com a vida. É sobre essa reconstrução biográfica, articulada pelas lentes da História de Vida desta mulher, que se debruçará o capítulo a seguir.

“Há mulheres que não apenas vivem: fazem a vida chegar”



Fonte: Acervo da pesquisadora (2025).

Para compreender a dimensão subjetiva e o ethos que permeiam as práticas de cura relatadas nas entrevistas, apresento a narrativa a seguir, que sintetiza a vivência comum às mulheres benzedadeiras e parteiras da região.

Conto 1 – Quando a noite chamava²

² Narrativa construída a partir de elementos recorrentes nas entrevistas realizadas com as colaboradoras da pesquisa

“E quando o dia amanheceu Dona Maria não levou dinheiro, levou apenas um ‘Deus lhe pague’”!

Naquela noite, o chamado veio apressado. Um homem chegou a cavalo, batendo à porta com urgência. Não precisou dizer muito. Dona Maria já sabia: havia uma mulher em trabalho de parto. Levantou-se sem demora. Sua bolsinha já estava pronta, como sempre um pano, o cordão para o umbigo, alguns instrumentos simples e as rezas guardadas na memória. Não importava a hora, a distância ou se conhecia bem aquela família. Quando a noite chamava, ela ia. (Entrevista, 2025)

O caminho era longo e escuro. Às vezes chovia às vezes o silêncio era cortado apenas pelo trote do cavalo. Não havia luz, apenas a fé guiando seus passos. Ao chegar, encontrou uma casa simples, sem energia, sem lamparina. A mulher gemia de dor, o corpo cansado lutando para trazer outro ao mundo. O medo tomava conta do ambiente. Dona Maria, firme, tomou a frente: - Faça um fogo! - Traga um pano limpo! Vamos ajeitar isso aqui. (Entrevista, 2025)

A pequena fogueira iluminou o quarto de chão batido. Era com aquilo que se fazia o parto. Suas mãos sabiam o que fazer. O tempo parecia esticado, a dor vinha em ondas fortes, mas Dona Maria permanecia inteira. Rezava baixo, orientava, tocava, esperava. E, mesmo nas condições mais difíceis muitas vezes sem nem um candeeiro de óleo, ela fazia. Porque não havia médico, não havia recurso, e as mulheres precisavam dela. (Entrevista, 2025)

No meio da madrugada, a vida chegou. O choro do menino cortou o escuro. Dona Maria o segurou com cuidado, amarrou e cortou o umbigo, envolveu-o no pano e o deitou. Depois se voltou para a mãe. Cuidou da placenta, da “dona do corpo”, limpou, ajeitou, acalmou. Tratava aquela mulher como se fosse sua própria filha, com um cuidado que vinha de dentro, aprendido na vida. Quando tudo terminou, o dia já clareava. Havia fome, mas não havia comida. Dona Maria olhou para o homem e disse: - Vá buscar uma galinha?! Essa mulher precisa de força. Farei um pirão, para ela ter leite. E ficou. Ficou o dia inteiro, cuidando, orientando, garantindo que aquela vida que chegou pudesse permanecer. Em sua casa, os filhos a esperavam. Em casa, enfrentava incompreensões pelas saídas noturnas sem pagamento. Mesmo entre conflitos, sabia que não era escolha, mas um chamado. Voltava cansada, levando apenas um “Deus lhe pague” e a certeza de ter gerado vida. (Entrevista, 2025)

CAPÍTULO 3. DONA MARIA: ENTRE REZAS, PARTOS E BENZIMENTOS – MEMÓRIAS DE UMA VIDA DEDICADA AO CUIDADO.

“O que a memória ama, fica eterno.”
Adélia Prado.

A história de Dona Maria não se inicia no momento em que ela passa a benzer ou a realizar partos. Ao contrário, ela começa muito antes, no chão batido do quintal, na escuta atenta aos mais velhos e nos silêncios cheios de sentido que organizam a vida nas comunidades rurais. Sua infância foi vivida em um território onde o aprendizado não se dava pela instrução formal, mas, sobretudo, pela convivência cotidiana, pela observação cuidadosa e pela repetição dos gestos que sustentavam a vida coletiva.

Nesse percurso, Dona Maria cresceu entre saberes partilhados e memórias transmitidas de geração em geração, constituindo-se como sujeito a partir das relações que tecia com a família, com a comunidade e com o território. Sua trajetória é compreendida aqui à luz da "escrevivência", conforme propõe Conceição Evaristo (2020), uma vez que sua história não se separa da vida que foi vivida, sentida e narrada a partir das experiências do corpo, da memória e da ancestralidade.

Este capítulo tem como objetivo compreender a trajetória de vida de Dona Maria como um espaço legítimo de produção de saberes, articulando memória, ancestralidade e práticas de cuidado no Povoado do Peixe. Para tanto, adota-se o método da História Oral, que possibilita a reconstrução da história de vida de Dona Maria. Por meio de narrativas registradas em diário de campo, busca-se compreender sua trajetória biográfica como parteira, benzedeira e guardiã da memória local não apenas como um relato individual, mas como uma expressão viva da identidade, das experiências e das lutas que compõem a memória coletiva de sua comunidade.

Crescer em um contexto rural significava aprender, desde cedo, a reconhecer os ciclos da terra, o tempo das chuvas, o uso das plantas e a importância da solidariedade entre vizinhos. A casa não era apenas um espaço doméstico, mas um lugar de circulação de pessoas, histórias e cuidados. O quintal funcionava como extensão da casa e da própria comunidade, reunindo ervas, árvores frutíferas e saberes que não estavam escritos em livros, mas inscritos na prática cotidiana. Como afirma Bosi (2004), “a memória não é um arquivo morto do passado, mas um trabalho vivo que se realiza no presente”. Nesse contexto, a infância da interlocutora revela desde cedo um pertencimento coletivo, no qual o saber não é propriedade privada, mas bem comum. Essa característica aparece de forma recorrente em pesquisas acadêmicas sobre práticas de benzeção, indicando que os conhecimentos relacionados às ervas e às curas são patrimônio cultural partilhado (Campos, 2022).

Para que o leitor possa acompanhar com clareza as teias de relações narradas por Dona Maria, apresentamos, a seguir, o quadro genealógico e os integrantes de sua família que residem no Povoado do Peixe, BA.

Figura 3. Integrantes da família de Maria Meira.



Fonte: Elaboração da pesquisadora (2026).

Dona Maria Meira de Souza nasceu na localidade conhecida como Baixa da Fazenda, região vizinha ao Povoado do Peixe, marcada pela vida rural, pelo trabalho na roça e por fortes laços comunitários. Filha de Edite Meira Silva e Fidelcino Antônio de Souza, ambos trabalhadores do campo, cresceu em um contexto no qual a infância se entrelaçava precocemente ao trabalho. Sua mãe, Edite, sempre viveu na região, tendo crescido na Fazenda das Pombas localidade também vizinha ao Povoado do Peixe, o que evidencia a forte inserção familiar no território. Já seu pai, Fidelcino, era natural de Caetité, Bahia, tendo migrado para o Povoado do Peixe em um período que Dona Maria não soube precisar; contudo, segundo seus relatos, tal mudança esteve relacionada à fuga da fome, movimento compartilhado por outros moradores que também buscaram melhores condições de vida na região. (Entrevista, 2025)

Foi nesse contexto que Fidelcino se estabeleceu, constituindo família e inserindo-se nas dinâmicas sociais e produtivas da comunidade. Ao falar de si, Dona Maria não hesita: diz preta. A palavra não vem carregada de explicações teóricas, mas de um profundo sentimento de

pertencimento. É uma afirmação simples, proferida como quem reconhece o próprio lugar no mundo e a ancestralidade que a compõe. Casou-se com Virgílio Miranda, também natural do povoado, com quem constituiu família e teve quatro filhos Ivonete, Maria do Bomfim, Antônio Gerisnal e Edvanda, além de treze netos e doze bisnetos. Ao casar-se com Virgílio, mudou-se definitivamente para o Peixe, marcando uma nova etapa em sua história de vida, atravessada por transformações geográficas, familiares e sociais. Suas memórias revelam uma trajetória permeada por experiências compartilhadas e por aprendizagens construídas no convívio cotidiano, expressando a vida de uma mulher da roça marcada por um semblante sereno e acolhedor, cuja presença se afirmar pelo cuidado, pela escuta e pela disponibilidade constante para com o próximo. (Entrevista, 2025).

Eu nasci no dia 1º de novembro de 1939, na região da Baixa da Fazenda, que era vizinho aqui com o Peixe. Foi ali que eu nasci. Minha cor é preta. [...]. Meu pai e minha mãe trabalhavam na roça. Os dois. A gente morava na roça mesmo. Meu pai trabalhava no campo, mexia com gado, era vaqueiro e também agricultor, vivia de roça. Mãe cuidava da casa, criava os filhos, fazia uns bordados e ajudava na lida do dia a dia pra ajudar na renda. Eles trabalharam muito pra criar a gente. Era muitos filhos. Teve muito filho. Era quatro homens e duas mulheres, que é eu e Rita. A vida era de trabalho. A gente morava na roça e vivia do que plantava [...] Naquele tempo plantava de tudo. Plantava lavoura de mamona, plantava mandioca, feijão, milho. Tudo que dava pra plantar, a gente plantava. Desde pequena eu já ajudava. Eu comecei a trabalhar com uns doze anos. Estudava de manhã até meio-dia. Quando dava meio-dia, eu chegava em casa, tirava a farda e ia trabalhar. De tarde era trabalho. Soprava mamona, soprava milho, trabalhava na casa de farinha. De tudo eu fazia. Pra estudar, eu saía da Baixa da Fazenda e vinha pro Peixe. Era assim todo dia. Estudava de manhã, e de tarde era o serviço. Sempre foi assim, estudando e trabalhando. [...] "A gente fazia casinha, fazia panelinha de barro... Brincava de perna de pau... Eu dançava de perna de pau. Cansei de dançar, saía inteiro (Diário de campo, 2025).

As lembranças de Dona Maria remetem a um cotidiano onde o labor e o lúdico coexistiam, revelando uma formação marcada pelo pertencimento comunitário. Como aponta Halbwachs (1990), as lembranças pessoais não são isoladas; elas são reconstruídas a partir dos quadros sociais da memória, ou seja, das práticas e relações compartilhadas que dão sentido à existência.

O processo de aprendizagem de Dona Maria ocorreu majoritariamente fora da escola formal. Embora tenha frequentado o ensino regular até a terceira série, os saberes que estruturaram sua trajetória foram construídos pela observação, pela escuta e pela prática cotidiana. Aprendeu a bordar observando outras mulheres, a costurar no fazer diário e, ainda muito jovem, a desempenhar tarefas tradicionalmente atribuídas ao universo masculino, como prender gado e atuar na casa de farinha. Seu aprendizado foi situado, corporificado e relacional, sustentado pela oralidade e pela convivência intergeracional:

Já vaquejei muito mais, pai. Amontada em animal, atrás de gado. [...]. Ele saía e eu ia prender o gado. [...] Trabalhar de vaqueira. Aí eu vestia tudo (gibão e perneira) e botava o chapéu dele na cabeça, que era pro gado não estranhar. Era toda semana, fim de semana ele ia trabalhar na casa do patrão. E eu ficava e ia prender o gado. [...] Mexia farinha, relava mandioca, que nesse tempo era de... Não era de roda, não era de motor. E eu cansei de puxar roda. [...] Reboquei minha, cortava cabelo de homem, de mulher fazia barba, tudo. [...] também aprendi a bordar. Que eu bordei muito pro povo... Fiz lençol pra Aura... “Ela riscava e eu bordava tudo de matriz.” Eu fazia isso tudo. (Diário de campo, Maria Meira, janeiro 2025)

Essas memórias revelam uma mulher que, desde a infância, assumiu múltiplos papéis: trabalhadora, filha, irmã, vaqueira e artesã. Sua trajetória foi marcada por uma responsabilidade precoce, mas também por uma agência singular, sintetizada em sua própria fala: “Desde pequena que eu tenho esse fanativo³ para tudo”.

Desde cedo, Dona Maria construiu uma relação íntima com o corpo e com a terra. Essa conexão não se limitava ao esforço físico, mas envolvia a atenção e a sensibilidade que, mais tarde, seriam mobilizadas em sua atuação como parteira, benzedeira e rezadeira. Como destaca Bosi (1994), a memória dos idosos ultrapassa a dimensão individual, configurando-se como um patrimônio coletivo que preserva experiências silenciadas pela história oficial. A infância de Dona Maria exemplifica essa pedagogia comunitária, baseada na repetição dos gestos e na partilha da vida. As mulheres mais velhas mães, avós e tias desempenhavam o papel central nessa transmissão, reafirmando a ancestralidade como prática viva. (Entrevista, 2025)

A vaidade e o cuidado consigo mesma, embora por muito tempo tenham sido postergados pelas exigências do trabalho árduo, sempre fizeram parte de sua essência. Hoje, Dona Maria ressignifica essas práticas: dedica-se à costura de suas próprias roupas, gosta de dançar forró e de participar ativamente das festas e associações comunitárias. (Entrevista, 2025)

Reconhecida em sua comunidade, sua presença é celebrada como um pilar de respeito e centralidade na vida coletiva. No entanto, o traçado de sua trajetória aponta para dimensões que transcendem o visível e o cotidiano. A vivência comunitária, o trabalho árduo e a escuta atenta dos sinais da vida prepararam o terreno para um chamado mais profundo. É no encontro com o sagrado e na manifestação de uma vocação que não se escolhe, mas se recebe, que Dona Maria transita da mulher do cotidiano para a guardiã dos saberes de cura. Para compreender como esse chamado se impôs e de que maneira o dom se integrou à sua identidade, o subcapítulo a seguir detalha o processo de revelação e o exercício das suas primeiras benzeções. (Entrevista, 2025)

³ O termo “fanativo”, utilizado por Dona Maria, refere-se, em sua fala, a uma disposição constante para o trabalho, à habilidade para realizar múltiplas tarefas e à vontade de aprender diferentes ofícios. Trata-se de uma expressão de uso popular, cuja permanência no texto preserva a oralidade e a autenticidade da narrativa.

3.1 As primeiras benzeções: quando o dom se manifesta

O processo de tornar-se benzedeira não se apresenta, nas narrativas de Dona Maria, como uma decisão racional ou uma escolha consciente. Ao contrário, o dom da reza e da cura surge como um chamado, algo que “vem de dentro”, manifestando-se gradualmente ao longo da vida. Como observa Oliveira (1985, p. 70), "compreender a benzeção é penetrar na sua essência, buscando o significado da prática social e a concepção de mundo que a permeia". Trata-se de um saber que não se aprende nos livros, mas que se constitui por meio da experiência sensível, da espiritualidade e da oralidade, revelando uma epistemologia própria dos saberes tradicionais.

Dona Maria conta que houve um tempo em que seu corpo adoeceu. Não era uma doença comum, daquelas que se explicam facilmente. Faltava-lhe força, vontade, apetite. O corpo, que sempre havia respondido ao trabalho, subitamente deixou de obedecer. Diante do que não se explicava pelos olhos ou pela medicina imediata, seu pai, Fidelcino Antônio, atento aos sinais invisíveis, buscou auxílio no campo espiritual. Foi assim que a levou à casa de Édizio⁴, curador reconhecido em Maracás, BA, município situado a aproximadamente 17 km de onde tudo teve início. (Entrevista, 2025)

Ali, Dona Maria ouviu que aquilo que sentia não era apenas fraqueza do corpo, mas algo que estava com ela, algo que precisava ser assumido. Após os rituais e orientações, veio a confirmação: havia um dom. Não como privilégio, mas como responsabilidade. A partir desse momento, a reza, o cuidado e o Caruru passaram a fazer parte de sua obrigação no mundo. O reconhecimento do dom não significou ruptura com a vida que ela levava. Ao contrário, foi continuidade. Tudo o que Dona Maria havia aprendido o cuidado, a escuta, a resistência, a atenção ao outro ganhava agora um nome, mas não mudava de essência. O que antes era prática cotidiana tornava-se também prática ritual. (Entrevista, 2025)

Orientada por lideranças espirituais, Dona Maria fortaleceu seus vínculos com Cosme e Damião, Santa Bárbara, Janaína, Antônio Boiadeiro e outros guias. Posteriormente, sob a orientação da Dona Litinha⁵, recebeu a confirmação de que deveria jogar búzios e atuar como curandeira, consagrando-os como instrumentos de escuta do invisível. Os Carurus passaram a ocupar um lugar central em sua vida, não apenas como rituais religiosos, mas como momentos de cuidado coletivo, proteção familiar e partilha. (Entrevista, 2025)

⁴ Édizio Pereira da Silva (in memoriam) foi o pai de santo de Maria Meira. Residia em Maracás, Bahia, e era amplamente reconhecido e respeitado pelo seu trabalho e dom.

⁵ Dona Litinha (in memoria). Mãe de santo residente em Lagedo do Tabocal, BA, reconhecida em sua cidade e região, participou da iniciação de Dona Maria nas práticas religiosas

Nessa fase, suas práticas espirituais, como as rezas e o Caruru, já faziam parte de sua rotina, mas a benzeção propriamente dita ainda não se manifestava de forma ativa. Somente a partir do momento em que passou a acompanhar partos, atendendo às mães durante o nascimento de seus filhos, é que surgiram os primeiros pedidos para benzer. Assim, a benzeção se consolidou como extensão de seu cuidado, articulando-se às práticas de atenção à vida, tema que será abordado na seção seguinte. (Entrevista, 2025)

Foi por volta dos quarenta anos que surgiram novas demandas da comunidade, inaugurando uma relação mais direta com a atenção à vida. Somente quando Dona Maria passou a acompanhar partos é que a benzeção se consolidou, de forma definitiva, como uma extensão de seu cuidado. Segundo Costa e Rocha (2026), essa prática alicerça-se em costumes repletos de significados, sendo fundamental para a resistência cultural. Nesse sentido, a experiência de Dona Maria demonstra que o dom da reza não se dissocia da vida comunitária, da fé e da oralidade, reafirmando a benzeção como um saber vivo, transmitido pela experiência e pela escuta, em contraponto à escrita formal ou à institucionalização do conhecimento. (Entrevista, 2025)

As primeiras rezas não lhe foram ensinadas de modo formal. Dona Maria conta que as orações “vinham em sonho” ou que “ficavam tudo na cabeça”. Não havia cadernos nem instruções passo a passo; havia, antes, a escuta atenta, o tempo vivido e a necessidade que se apresentava no cotidiano. Assim, suas rezas não se restringem a fórmulas decoradas ou práticas isoladas de fé, mas constituem um sistema de saberes transmitidos oralmente, aprendidos na convivência com os mais velhos e atualizados no dia a dia da comunidade. (Entrevista, 2025)

Essa obrigação, como Dona Maria afirma, “não é eu que escolhi. É coisa mandada”. O exercício de sua prática não se configura, portanto, como uma decisão individual, mas como resposta a um chamado que se impõe, atravessando sua trajetória de vida. Esse chamado se manifesta de diferentes formas, especialmente por meio dos sonhos, que, segundo ela, funcionam como avisos e orientações espirituais: “Quando a pessoa mora longe, eu sonho com ela chegando. Quando eu vou falando assim, a pessoa chega.” (Entrevista, 2025)

Os sonhos, os guias e os sinais do invisível constituem, assim, dimensões centrais de sua experiência como benzedeira, orientando suas ações mesmo nos momentos em que lhe faltaram apoio familiar ou condições materiais para estruturar um terreiro, desejo que, embora presente, não se concretizou. Ainda assim, Dona Maria manteve-se firme tanto na fé católica quanto nas obrigações espirituais herdadas, articulando diferentes matrizes religiosas em sua prática cotidiana. (Entrevista, 2025)

Nesse percurso, destaca-se também o caráter ético de sua atuação. Dona Maria nunca cobrou por rezas, partos ou benzeções, reafirmando seu compromisso com o cuidado comunitário: “Tudo era de graça. Só mesmo pra ajudar o povo.” Tal postura evidencia que seu saber não se orienta pela lógica mercantil, mas por uma ética do dom, da solidariedade e da responsabilidade coletiva. (Entrevista, 2025)

Dona Maria reitera que sua missão está diretamente vinculada à atuação de seus guias entre eles, Nagôs, Gentis e caboclos. Embora alguns sejam mais seletivos “Se a natureza não pedir, nem vem que eu não gosto. Não é eu, é meus guias”, ela nunca se recusava a rezar, compreendendo que a força do cuidado não vinha de si, mas das entidades que a sustentavam. (Entrevista, 2025) Dessa forma, sua trajetória revela uma devoção silenciosa e persistente, enraizada no corpo, na memória e na fé. Mesmo diante do sofrimento e de experiências de preconceito, Dona Maria nunca deixou de atender ao chamado, transformando sua própria dor em cuidado. Sob a ótica de Djamila Ribeiro (2017), sua experiência evidencia como sujeitos historicamente marginalizados produzem saberes situados, legitimados por vivências concretas; assim, ela não apenas exerce um dom, mas afirma uma epistemologia própria, tencionando hierarquias de conhecimento.

Nesse processo, a benzeção se constrói no fazer diário, atravessada pela fé e pelas demandas comunitárias. Ela recorda que era nas madrugadas silenciosas, acompanhando mulheres em trabalho de parto, que suas práticas se intensificavam: as mãos cuidavam do corpo, enquanto as rezas, em voz baixa, cuidavam do espírito. Como relata: “*Quando eu peguei fazer parto, comecei pegar menino, aí as mães pedia pra benzer, aí eu benzia, eu batizava também. [...] Eu sonhava as oração, sonhava os remédio pra passar para as mulher*” (Diário de Campo, 2025). Desse modo, o gesto de benzer confunde-se com o ato de cuidar, em uma prática que, como aponta Priore (2004), busca restaurar o equilíbrio do ser.

Sendo assim, esse aprendizado forjado na convivência e na escuta revela um conhecimento indissociável da vida cotidiana. Aprende-se observando, repetindo e refazendo, num processo onde a palavra dita carrega a força de articular experiência, tempo e continuidade, como sugere Paul Zumthor (1997). Diferente do modelo biomédico, fragmentado e institucionalizado, essas “mulheres que curam” operam sob uma perspectiva integral (BASTOS, 2024), na qual o extraordinário se manifesta no ordinário. Como observa Eliade (1965), o comportamento religioso não é abolido pela vida profana; pelo contrário, ele oferece sentido e orientação, mantendo os saberes vivos através da prática e da reinterpretação constante.

À medida que a casa de Dona Maria se tornava um refúgio para crianças com quebranto, adultos com dores ou mulheres aflitas, a benzeção consolidou-se como o primeiro recurso de cuidado no povoado. A eficácia e o reconhecimento social de seu trabalho são evidenciados pelos relatos dos moradores, como o de Maria Gonçalves — *'Ela benze de olhado, de vento [...] e a reza acontece'* — e o de Antônio Teles: *'Como é que não acredita? A pessoa nem mesmo fala o que é, e ela reza'*. (Diário de Campo, 2025)

Com o passar do tempo, a repetição das benzeções não produziu apenas experiência prática, mas consolidou um reconhecimento simbólico construído no convívio diário.

Gradualmente, a comunidade passou a legitimar o saber de Dona Maria, atribuindo-lhe confiança, respeito e autoridade como referência espiritual e cuidadora. Nesse sentido, o que sustenta a força da benzeção não é a ideia de um dom isolado, mas a continuidade do vínculo, a recorrência das práticas e a resposta concreta às necessidades do cotidiano. (Entrevista, 2025)

Diante disso, as rezas, longe de se apresentarem como fórmulas rígidas, configuram-se como saberes vivos, atualizados conforme a situação, a pessoa atendida e o contexto do cuidado. É nesse movimento entre repetição, adaptação e relação que o saber da benzedeira se mantém, circula e se reafirma no interior da comunidade. Para ilustrar a diversidade dessas práticas, o Quadro 1, apresentado a seguir, sistematiza o repertório de orações e as respectivas aflições tratadas por Dona Maria.

Quadro 1 – Rezas e Doenças Tratadas por Dona Maria.

Doença / Aflição	Reza (oralidade preservada)	Modo de realização da benzeção
Espinhela caída	“Jesus nasceu, Jesus morreu, Jesus ressuscitou. As arcas emborcadas, espinhela virada, Jesus alevantou. A lua nem é nova nem é cheia, enquanto não atravessa no mar, espinhela caída vou te alevantar.”	A reza é feita com uma pedra, utilizada para diminuir o resguardo. A benzedeira passa a pedra por cima da cabeça e entre as pernas da pessoa três vezes, enquanto reza.
Tancar sangue (cortes e sangramentos)	“No mar tem três Maria Virgem: uma disse ‘eu vi sangue’, a outra disse ‘eu destranco’, e a outra respondeu: assim como Deus nunca mentiu com a tua sagrada boca, que tu não vai sair nem um pinga nem uma gota.”	A reza é feita com uma folha verde, realizando o sinal da cruz sobre o local do corte enquanto a oração é pronunciada.
Dor de cabeça / mal-estar	“Em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, eu benzo esta dor de cabeça, que saia e vá embora, como foi embora a coroa de espinhos da cabeça de Nosso Senhor Jesus Cristo.”	Utiliza-se um copo com água. Um pano é colocado sobre a cabeça da pessoa; a benzedeira pressiona a mão sobre o copo enquanto reza e, em alguns momentos, passa a mão sobre a cabeça. Ao final, a água é descartada.

Mau-olhado / vento virado / tontura	As palavras são rezadas “do que traz no juízo e na memória”, conforme relata Dona Maria, não sendo todas verbalizadas publicamente.	A benção ocorre por meio da oração oral, do sinal da cruz e da imposição das mãos, conforme a necessidade da pessoa.
--	---	--

Ladainhas cantadas e devoções associadas.

Reza de São Cosme e São Damião.

“Bendito, louvado seja São Cosme e São Damião. A coroa chegou de Cristo, um no Seu coração. Os anjos lá no céu fizeram uma grande reunião para saber que no mundo havia São Cosme e São Damião. São Cosme e São Damião, com sua espada na mão, combatendo no inferno e defendendo seus dois irmãos. Se os mabassos bem soubessem, traziam por devoção e festejavam todo ano São Cosme e São Damião. São Cosme e São Damião, os dois nasceram no mesmo dia: São Cosme nasceu três horas antes e Damião no romper do dia. Oferece esse bendito ao Senhor que está na cruz. São Cosme e São Damião, para sempre, amém, Jesus.”

Para que é cantada:

Devoção a São Cosme e São Damião, associada à proteção, à cura e ao cuidado com crianças e doentes, cantada em rezas domésticas, promessas e festejos anuais.

Reza de Santa Bárbara.

“Santa Bárbara, eu encontrei a Santa Bárbara. Santa Bárbara é luz divina. Onde ora que a vó nasceu, se tornara Santa Bárbara. Meu Jesus, pai da minha alma, quando eu ia pelo caminho encontrei com Santa Bárbara. Santa Bárbara é uma santa que abranda as trovoadas. Santa Bárbara, o cálice que ela trouxe na palma das suas mãos foi para livrar os pecadores de raios, relâmpagos e trovão. São Jerônimo era um gentio que só louvava e gemia, e se não fosse Santa Bárbara, de nós o que seria? Quando o mundo pegou fogo e o caminho se arruuiu, sete anos e um dia Santa Bárbara encolocou. Oferece esse bendito ao Senhor que está na cruz. Santa Bárbara é a luz divina, para sempre, amém, Jesus.”

Para que é cantada:

Proteção contra raios, trovões e perigos da natureza, além de pedidos de amparo espiritual em momentos de medo, instabilidade e ameaças.

Fonte: Autores, (2025).

Conforme relatado por Dona Maria, embora seu repertório seja vasto, nem todas as rezas podem ser transcritas, uma vez que a eficácia dessas orações está intrinsecamente ligada ao sigilo e ao uso ritual no momento do cuidado. Assim, as rezas apresentadas correspondem apenas a uma parcela do conhecimento mobilizado pela benzedeira, respeitando os princípios éticos da pesquisa e os limites estabelecidos pela própria detentora do saber (Diário de Campo, 2025).

As primeiras benzeções revelam, portanto, o instante em que os saberes guardados desde a infância, cultivados na oralidade e na convivência comunitária, transformam-se em prática socialmente reconhecida. O dom, longe de ser um acontecimento isolado, nasce de uma

trajetória marcada pela escuta, pela fé e pelo fortalecimento constante dos vínculos com o outro. A experiência de Dona Maria demonstra que os saberes ancestrais não se impõem como verdades cristalizadas; ao contrário, eles se oferecem com delicadeza, sendo acolhidos, reinterpretados e legitimados pela comunidade ao longo do tempo

3.2 Tornar-se parteira: aprender fazendo

Tornar-se parteira, na trajetória de Dona Maria, não se configurou como um processo formal ou linear. Pelo contrário, a prática do parto emergiu da mesma matriz que sustentava sua benzeção: a necessidade concreta, a confiança comunitária e o reconhecimento social. Essa vivência, embora singular, reflete um padrão recorrente nas trajetórias de parteiras tradicionais, cujo aprendizado não provinha de instituições, mas da observação, da escuta e da prática contínua no cotidiano da vida. Como apontam Carbolin e Bressan (2025), essas mulheres aprendiam “fazendo”, inseridas em contextos de precariedade estrutural e escassez de políticas públicas, o que reforça a centralidade do papel feminino na sustentação e na continuidade da vida comunitária.

É nesse contexto que a história de Dona Maria ganha nitidez. Após seu casamento com Virgílio Miranda e a mudança para o Povoado do Peixe, na casa dos trinta anos, iniciou-se uma fase marcada não apenas pela maternidade, mas pelo despertar de seus dons. Foi nessa época que realizou seu primeiro parto, sob circunstâncias de hesitação e medo. Ao ser chamada por sua mãe para socorrer sua irmã, Rita, que se encontrava debilitada, Maria inicialmente recusou, sentindo-se despreparada. Contudo, diante da urgência e da impossibilidade de outras parteiras atenderem, acabou cedendo. Guiada pela fé, pelo toque e pela intuição, conseguiu auxiliar no nascimento da criança. A partir desse episódio, os chamados se intensificaram e, como a própria parteira relata, nunca mais parou. (Entrevista, 2025)

Esse ofício foi consolidado pela convivência com mestras do povoado, como Alissa de Riba e Tia Maria. Dona Maria não se reconhecia como médica, mas afirmava com convicção que seu dom era verdadeiro e sustentado por seus guias espirituais. Ao longo de sua trajetória, acompanhou cerca de 200 partos, muitos realizados em condições extremamente precárias, envolvendo desde complicações obstétricas até a ausência de recursos básicos. No entanto, ela sabia reconhecer os limites de sua atuação: pelo toque, percebia quando o parto precisava de intervenção hospitalar, ocasião em que acompanhava a parturiente até cidades vizinhas, como Jequié, Maracás ou Jaguaquara. (Entrevista, 2025)

O cuidado de Dona Maria transcendia o momento do nascimento, abrangendo um ciclo integral de atenção à vida. Conforme registrado no diário de campo, ela permanecia por dias ou semanas na casa da parida, cuidando da higiene da criança, preparando chás, realizando massagens no útero e garantindo a alimentação da família. Essa presença constante, porém, gerava conflitos conjugais; as longas ausências eram frequentemente mal recebidas pelo marido, que não aceitava a dedicação da esposa às mulheres da comunidade. Mesmo diante de brigas e da falta de transporte sendo comum deslocar-se a pé ou a cavalo Dona Maria nunca negou socorro, confirmando o caráter social da ciência popular, construída na relação direta com o outro (Oliveira, 1985).

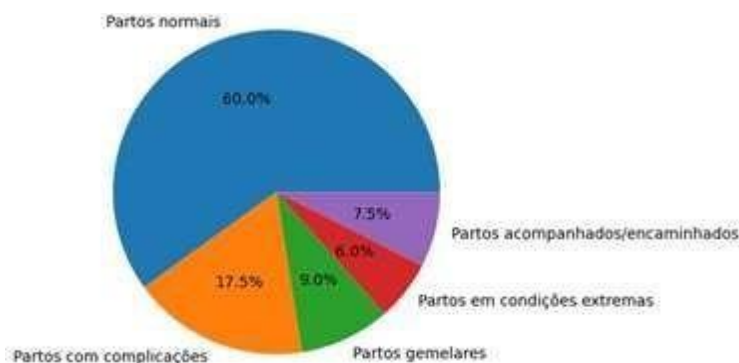
O contexto social do Povoado do Peixe, desprovido de luz elétrica e assistência médica à época, exigia uma atuação heroica. Relatos como o da agente comunitária Ana Lúcia ilustram bem essa realidade:

“Conheço [o trabalho de Dona Maria] e muito bem. [...] antes mesmo de ganhar aquele menino já procuravam ela, porque ela era uma parteira de mão cheia, aquela parteira que todo mundo confiava. [...] Se estivesse chovendo, fosse lá que hora fosse da noite, mesmo sem muito costume com aquela pessoa, ela levantava da cama e ia socorrer aquela mulher que estava precisando dela, porque a parteira não tinha hora, não escolhia parturiente. [...] Teve parto que teve que ser feito à luz do fogo, ali no chão, no quarto, pra poder iluminar. E ela fazia aquele parto ali, e graças a Deus dava tudo certo. Ela cuidava daquela mãe como se estivesse cuidando de uma filha dela, como se fosse dela mesma. [...] Hoje ela é mãe de muitas avós, de muitos netos, porque foi a primeira parteira daqui do Peixe e também a primeira rezadeira.” (Diário de campo, Ana Lúcia Silva Souza, 19 mar. 2025).

Diante disso, Dona Maria consolidou-se como referência de cuidado e conselheira, acolhendo inclusive mulheres que enfrentavam depressão pós-parto. Esse percurso aproxima-se da definição de parteira tradicional apresentada por Nascimento et al. (2009), que detém saberes essenciais para a sobrevivência coletiva. É importante notar que, embora tenha estudado apenas até a terceira série, a inteligência prática e a sensibilidade espiritual de Dona Maria foram fundamentais para sua atuação. Gradualmente, com a modernização do acesso à saúde, ela deixou de realizar partos, mas mantém até hoje o orgulho de nunca ter perdido uma vida, sendo chamada de “mãe” por inúmeras famílias.

Para sintetizar a complexidade de sua atuação e visualizar a recorrência dessas situações em contextos de vulnerabilidade, apresenta-se o gráfico abaixo:

Gráfico 1- Distribuição dos tipos de partos feitos por Maria



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados coletados em pesquisa de campo (2025).

A representação gráfica da quantidade de partos realizados por Dona Maria evidencia não apenas a extensão temporal de sua trajetória como parteira, mas também a diversidade de cenários enfrentados ao longo de décadas. No entanto, a atuação dessa mulher sertaneja ultrapassa a dimensão meramente numérica; ela revela um saber empírico, forjado na prática cotidiana, na observação atenta e na escuta sensível das necessidades da comunidade. (Entrevista, 2025)

Para além da contagem dos nascimentos, é fundamental compreender a complexidade inerente aos partos acompanhados desde casos de alto risco e gestações múltiplas até intercorrências que demandaram intervenções precisas. Nesses momentos, a técnica não atuava isolada, mas em profunda articulação com a intuição, a fé e os vínculos afetivos estabelecidos com cada parturiente. É essa capacidade de integrar o domínio clínico ao acolhimento espiritual que define a singularidade de sua práxis e legitima seu lugar como figura central na história do cuidado no Povoado do Peixe. (Entrevista, 2025)

A representação gráfica da quantidade de partos realizados por Dona Maria evidencia não apenas a extensão temporal de sua trajetória como parteira, mas também a diversidade de cenários enfrentados ao longo de décadas. No entanto, a atuação dessa mulher sertaneja ultrapassa a dimensão meramente numérica; ela revela um saber empírico, forjado na prática cotidiana, na observação atenta e na escuta sensível das necessidades da comunidade. (Entrevista, 2025)

Para além da contagem dos nascimentos, é fundamental compreender a complexidade inerente aos partos acompanhados desde casos de alto risco e gestações múltiplas até intercorrências que demandaram intervenções precisas. Nesses momentos, a técnica não atuava isolada, mas em profunda articulação com a intuição, a fé e os vínculos afetivos estabelecidos com cada parturiente. É essa capacidade de integrar o domínio clínico ao acolhimento espiritual

que define a singularidade de sua práxis e legitima seu lugar como figura central na história do cuidado no Povoado do Peixe. (Entrevista, 2025)

Quadro 2 – Descrição dos tipos de partos realizados por Dona Maria Meira

Categoria	Descrição	Quantidade aproximada
Partos normais	Partos realizados sem registro de complicações, conduzidos integralmente por Dona Maria no âmbito domiciliar.	92
Partos com complicações	Partos que envolveram situações como cordão umbilical enrolado, posição pélvica, placenta retida, gemelaridade ou outras intercorrências.	
Partos gemelares	Partos referentes a gestações múltiplas (gêmeos).	7
Partos em condições extremas	Partos realizados em contextos adversos, como à luz de candeeiro, no chão, em veículos, na rua ou em locais improvisados.	4
Partos acompanhados/encaminhados	Partos acompanhados por Dona Maria com posterior encaminhamento para atendimento médico ou realizados em conjunto com profissionais de saúde.	5
Natimorto	Feto com aproximadamente três dias de morte intrauterina.	1
Total estimado de partos	Soma estimada dos partos realizados ao longo de sua trajetória como parteira tradicional.	120

Fonte: Entrevista com a Dona Maria (2025).

Esse movimento evidencia uma constante histórica nos territórios rurais brasileiros, onde parteiras, benzedeiras e rezadeiras foram, durante séculos, as principais responsáveis pela garantia da vida no nascimento, sobretudo em contextos marcados pela precariedade dos serviços médicos e pela ausência do Estado. Nesses cenários, o cuidado foi sustentado por saberes femininos transmitidos pela oralidade, pela observação e pela confiança comunitária, assumindo centralidade na organização da vida cotidiana e configurando-se como forma legítima de cuidado e sobrevivência coletiva (Del Priore, 2004).

É justamente nesse sentido que a prática de Dona Maria se insere em uma "longa duração" histórica. Atuando onde a medicina institucional não alcançava, sua função como parteira e benzedeira ultrapassa o âmbito individual, adquirindo dimensão social e política ao sustentar a vida em meio à escassez e à desigualdade. Corroborando essa compreensão, Oliveira

(1985) afirma que o aspecto mais significativo da ciência popular reside em seu caráter social e coletivo, construído na relação direta com aqueles que dela necessitam, em contraposição ao monopólio do saber erudito que, muitas vezes, invalida práticas que não consegue explicar.

Nessa mesma lógica, as memórias associadas a essas práticas não pertencem apenas à trajetória de Dona Maria, mas constituem parte da história compartilhada da comunidade. Conforme aponta Halbwachs (1990), as lembranças se constroem no interior dos grupos sociais, sendo continuamente reatualizadas pela convivência e pela experiência comum. Assim, cada parto realizado, cada cuidado oferecido e cada vida acolhida inscrevem-se na memória coletiva do Povoado do Peixe, reafirmando esses saberes como patrimônio vivo e como prática cotidiana de resistência.

A trajetória de Dona Maria dialoga diretamente com o que apontam Telles e Pimenta (2023) ao destacarem que as parteiras negras desempenharam um papel crucial na assistência ao parto desde o século XIX. Segundo as autoras, essas mulheres eram responsáveis não apenas pelo parto físico, mas também pela sustentação cultural e espiritual de suas comunidades. O parto, assim, constituía uma experiência social, racial e culturalmente situada, atravessada por relações de poder que se intensificaram com a institucionalização da medicina moderna. Muitas mulheres negras tornaram-se aprendizes desse ofício como estratégia de sobrevivência e autonomia, garantindo a continuidade de práticas ancestrais de cuidado. Essa dimensão de rede de solidariedade e proteção coletiva se expressa, de forma viva, na atuação de Dona Maria. (Entrevista, 2025)

Entretanto, para além do cuidado oferecido ao outro, é fundamental considerar o corpo da própria parteira, frequentemente atravessado por experiências de dor, adoecimento e vulnerabilidade, muitas vezes invisibilizadas. A trajetória de Dona Maria evidencia que o cuidado historicamente atribuído às mulheres nem sempre retorna a elas na mesma medida, revelando assimetrias profundas nas relações de gênero, afeto e assistência. Desta forma, o relato de um dos episódios mais marcantes de sua vida ilustra essa fragilidade:

Eu sofri muito. Se eu contar o meu padecimento nesse mundo, o povo chora. Teve um tempo que eu adoeci, que eu criei um menino nas trompas. Me levaram para Jaguaquara. Fui sem ninguém, me deixaram lá. Fiquei sentindo dor, sentindo dor, muitos dias, e os médicos sem saber o que era. Já fazia mais de oito dias com dor. Quando foi com doze dias, o doutor Cardoso chegou, me examinou e disse que era um menino nas trompas. Eu já estava quase morta. Ele tirou a placenta, já estava seca, e o sangue já tinha saído todo. Eu não tinha mais sangue no corpo. Fiquei internada dezenove dias. Ele me operou e colocou quatro litros de sangue dos outros, porque eu não tinha mais. Virgílio não foi me ver nenhum dia. Quem foi me ver foi João, meu irmão, Manelito Argolo, amigo de meu irmão, Roque Meira e Edezo, também conhecidos e amigos meus e de meus povos da comunidade. Eu fiquei lá, fraca, jogada. Teve um dia que levantei da cama, cambaleando. Meu cabelo estava grande, embaraçado, porque não tinha quem cuidasse de mim. Uma mulher que

estava internada pegou, um óleo de coco para desembaraçar meu cabelo. O óleo estava ruim, fedendo, e quando ela passou, me deu uma dor muito forte, dor de cabeça, dor nos dentes. Passei muito tempo sem aguentar o cheiro de óleo de coco depois disso. Eu já passei muito sofrimento. Se eu for contar tudo, um livro não dá. (Diário de campo, Dona Maria, 2025).

O relato evidencia não apenas a gravidade do adoecimento, mas também as condições de abandono enfrentadas por Dona Maria. A ausência do marido durante todo o período de internação, contrastando com a presença de outras redes de apoio comunitário, revela tensões nas relações familiares e aponta para a sobrecarga historicamente imposta às mulheres, especialmente no que tange ao cuidado. Além disso, a experiência explícita como o corpo feminino, embora central na produção da vida coletiva, permanece vulnerável e, por vezes, desassistido. (Entrevista, 2025)

Trata-se de uma dimensão que tenciona o imaginário da "mulher cuidadora", evidenciando que, embora responsável por zelar pelo outro, ela também atravessa situações de extrema precariedade. Nesse sentido, os processos históricos ajudam a compreender por que, ainda hoje, mulheres como Dona Maria continuam sendo tensionadas e questionadas em suas práticas, sob justificativas que variam da perturbação da ordem pública à acusação velada de "crendice". O que se observa, portanto, é a permanência de um controle simbólico que atravessa o tempo e se reinscreve nas relações comunitárias contemporâneas. (Entrevista, 2025)

Em suma, a trajetória de Dona Maria como parteira e benzedeira revela um ofício que transborda a técnica e se consolida como uma forma de resistência política e cultural. Sua atuação, forjada na escassez e sustentada por uma rede de saberes ancestrais, não apenas garantiu a vida em contextos de vulnerabilidade, mas também teceu, no cotidiano do Povoado do Peixe, um complexo sistema de solidariedade comunitária. Mais do que um atendimento episódico, seu trabalho reflete uma ética de permanência e cuidado integral que se enraíza profundamente em seu espaço doméstico. É, portanto, nesse ambiente de convivência, marcado pela presença da natureza e pela circulação de saberes entre gerações, que sua prática se torna palpável, transformando o cotidiano em um lugar de cura e memória. Assim, ao transitar da sua atuação pública e histórica para o ambiente de sua casa, adentramos em um território onde a cura ganha forma através do uso das plantas e dos elementos da terra: o quintal.

3.3 O quintal como território de saber: ancestralidade, oralidade e cuidado

O quintal da casa de Dona Maria transcende sua função de espaço físico ou doméstico; ele se constitui como um verdadeiro território de saber. É nesse ambiente que ervas medicinais, chás, garrafadas e remédios caseiros se articulam às rezas e benzeções, compondo um sistema

de cuidado integral que integra corpo, espírito e natureza. *Assim, o quintal configura-se como uma extensão da trajetória de vida da benzedeira, materializando práticas de cura transmitidas por gerações e sustentadas pela memória ancestral. (Diário de Campo, 2025)*

Conforme analisa Lima (2023), os quintais são espaços historicamente associados ao trabalho e ao cuidado feminino, inscritos na divisão sexual do trabalho em sociedades patriarcais. Embora frequentemente desvalorizados, esses locais desempenham um papel fundamental na subsistência, na segurança alimentar e na preservação de saberes tradicionais. No cotidiano das benzedeiras, o cuidado converte-se em prática cultural que sustenta a transmissão de conhecimentos sobre saúde e espiritualidade. Esse cultivo constitui uma herança de populações rurais que, ao migrarem para contextos urbanos, ressignificam o manejo desses espaços, transformando-os em lugares de memória, continuidade cultural e expressão do sagrado.

A diversidade botânica é o elemento distintivo desses territórios. Ao circular pelo quintal, percebe-se um conhecimento sensível e experiencial, que abrange desde o tempo adequado de colheita e fases da lua até as formas precisas de preparo. Essa vivência ativa os sentidos e evidencia que o quintal não é apenas um espaço produtivo, mas um ambiente ritualizado onde natureza, corpo e memória se entrelaçam de maneira indissociável (Lima, 2023).

Para sistematizar esse repertório, o **Quadro 3** apresenta as espécies cultivadas por Dona Maria, detalhando suas finalidades terapêuticas e simbólicas:

Quadro 3 – Plantas medicinais

Pitanga (<i>Eugenia uniflora</i> L.)	Anti-inflamatório - tratamento de febres, gripes, inflamações e problemas digestivos.
Noni (<i>Morinda citrifolia</i> L.)	Anti-inflamatório para dores, inflamações, feridas e fortalecimento geral do organismo.
Guiné (<i>Petiveria alliacea</i> L.)	Indicada para dores e inflamações, a planta assume papel central nos benzimentos e banhos espirituais.
Capeba (<i>Piper umbellatum</i> L.)	Infecções urinárias, dores abdominais e inflamações, além de ser reconhecida por seu potencial cicatrizante.
Mamona (<i>Ricinus communis</i> L.)	É acionada, sobretudo em usos externos e ritualísticos, sendo suas folhas empregadas nos benzimentos e muito utilizadas em uso estético.

A erva-cidreira (<i>Melissa officinalis</i> L.) e o capim-santo (<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf)	Empregados como calmantes, indicados para estados de nervosismo, insônia e agitação.
Manjerição (<i>Ocimum basilicum</i> L.), a Alfavaca (<i>Ocimum gratissimum</i> L.) e o Alecrim (<i>Salvia rosmarinus</i> Spenn)	São tradicionalmente utilizados em chás e lambedores para aliviar sintomas respiratórios, tosse e congestão.
Hortelã (<i>Mentha</i> sp.) e o Mastruz (<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants).	Amplamente reconhecidos pelo combate às verminoses e por sua ação anti-inflamatória.
A tanchagem (<i>Plantago major</i> L.), referida localmente como “transsagem”. Folha de algodão (<i>Gossypium hirsutum</i> L.) e plantas conhecidas no uso local como pustemeira.	Também são acionadas como anti-inflamatórios, especialmente em chás e emplastos.
Erva-doce (<i>Pimpinella anisum</i> L.)	É indicada para gases e desconfortos digestivos, enquanto.
Boldo (<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews)	Utilizado no tratamento de gastrites e distúrbios hepáticos.
Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.) e o chamado “Piu-Piu”.	Empregadas em benzimentos e rezas contra mau-olhado e quebrante.

Fonte: Diário de campo, (2025).

É importante ressaltar que Dona Maria acumula esses saberes ao longo da vida, seja pela escuta atenta dos mais velhos na infância, seja por revelações obtidas em sonhos e intuições. Cada planta cultivada possui um nome, um uso específico e uma história. Conforme afirma Santana (2017), a palavra “folha” no contexto brasileiro enuncia uma multiplicidade de saberes indígenas, africanos e populares, revelando territórios epistemológicos nos quais natureza, espiritualidade e cultura são inseparáveis.

A transmissão desses conhecimentos ocorre fundamentalmente pela oralidade, em um processo contínuo de aprendizagem intergeracional. As ervas não são ensinadas apenas por nomes, mas pelo cheiro, pelo toque e pela forma adequada de manuseio. Essa pedagogia, baseada na observação e na convivência, reafirma a memória como prática social e coletiva, conforme compreende Halbwachs (2006), ao destacar que a memória individual se estrutura sempre no interior de quadros sociais compartilhados.

No que tange à dinâmica de uso desses saberes, a coexistência entre plantas medicinais, fé católica e medicina biomédica revela uma estratégia de “dupla pertença”. Dona Maria não nega a ciência institucional, mas atua em um campo complementar, no qual diferentes sistemas de conhecimento convivem sem se anular. Essa mobilidade e recomposição simbólica desafiam a ideia de uma identidade religiosa fixa, conforme aponta Ribeiro (2018), ao sugerir que a fé se manifesta de forma plural nas interações sociais.

Ademais, essa dinâmica pode ser compreendida pela ótica da “sobreculturalidade”, que, segundo Martins (2015), refere-se à articulação dinâmica entre diferentes sistemas culturais. No caso de Dona Maria, práticas tradicionais e saber científico operam como dimensões complementares de um sistema de cuidado historicamente construído. Esse entrelaçamento remete à própria evolução da humanidade, visto que, como destacam (Brandelli, 2017) as plantas medicinais foram os primeiros recursos utilizados no enfrentamento das doenças.

Em última análise, o quintal de Dona Maria apresenta-se como um espaço de resistência e preservação. Ele abriga não apenas plantas, mas histórias e modos de cuidar que atravessam gerações. (Diário de Campo, 2025). Ao registrar esses saberes, esta pesquisa não busca cristalizá-los, mas reconhecê-los como conhecimentos vivos e em constante movimento, que continuam a curar corpos, fortalecer vínculos e sustentar a identidade da comunidade. Contudo, essa força vital que emana de seu território de cura não transita em um ambiente isento de contradições. Pelo contrário, a potência contida nesse espaço de saber é, frequentemente, o mesmo fator que desperta resistências, evidenciando que a prática de Dona Maria está longe de ser uma atividade imune às dinâmicas de poder que atravessam o cotidiano.

3.4. O saber que incomoda: conflito, negociação e resistência nas práticas de benzeção

O saber exercido pela benzedeira não se constitui como uma prática pacífica ou consensual no interior da comunidade. Pelo contrário, trata-se de um conhecimento que incomoda e provoca tensões, exigindo uma negociação constante de sua existência em um espaço social atravessado por hierarquias morais, religiosas e institucionais. Nesse sentido, conforme aponta Foucault (1979), todo saber está imerso em relações de poder, sendo permanentemente vigiado, regulado e, frequentemente, silenciado quando desafia as estruturas estabelecidas.

Diante disso, práticas como a reza em voz alta, o canto, a percussão e as celebrações coletivas longe de serem apenas expressões de fé assumem uma dimensão política. O som dos rituais, neste contexto, emerge como elemento de incômodo e denúncia, revelando o conflito entre saberes ancestrais e normativas hegemônicas de religiosidade e convivência social. Como analisa Mbembe (2018), determinadas formas de existência são toleradas apenas quando permanecem invisíveis ou silenciosas; quando se fazem ouvir, tornam-se, inevitavelmente, alvo de controle.

Mais do que uma questão de ruído, a oralidade ritualizada e a realização de festas, a exemplo dos carurus, expõem o saber da benzedeira à vigilância comunitária e institucional.

Esse incômodo dos vizinhos alcança o campo simbólico, denunciando práticas historicamente marcadas pelo racismo religioso. (Entrevista, 2025). Autoras como Gonzalez (1988) e Ribeiro (2019) auxiliam a compreender essas reações como expressões do racismo estrutural, que hierarquiza conhecimentos e deslegitima saberes ancestrais negros. Essa tensão aparece de forma contundente no relato de Dona Maria:

Eu tinha meus Cosme batizado e aí eu adoecia, eu ficava doente. Mandava perguntar, e eles diziam que era porque eu não estava cumprindo com os deveres deles. [...] Aí eu passei a dar o Caruru. Não era tanto por mim, era por causa dos outros que me perseguiram [...] A casa enchia de gente em todo canto, era muita gente. Soltava foguete. Fazia vinte litros de comida, às vezes vinte, trinta litros de Caruru. A sessão era na hora que terminava o Caruru. O povo ficava até o dia amanhecer.” (Diário de campo, Dona Maria, janeiro de 2025).

O impacto subjetivo desse conflito manifesta-se no adoecimento da benzedeira, indicando que a violência simbólica conforme analisa Bourdieu (1990) não é abstrata, mas corporalizada. O gesto de “ir para a cama” após as críticas sinaliza um corpo que sente, adoece e responde às tentativas de silenciamento. Para garantir o exercício de sua fé diante de tais pressões, Dona Maria precisou buscar a mediação institucional por meio de uma autorização policial. (Entrevista, 2025)

Figura 4: – Autorização policial para festejar os santos de devoção.



Fonte: Documento fornecido por Dona Maria, registrado no (diário de campo, 2025)⁶

Esse documento é uma fonte material relevante, pois evidencia que o exercício da benzeção precisou ser legitimado por instâncias do Estado, revelando as tensões entre saberes ancestrais e normas institucionais. Contudo, essa vivência não se deu em termos de ruptura com a Igreja, mas de articulação. A convivência entre a fé católica e os ritos de matriz africana, em que a benzedeira respeitava os limites impostos pelo clero local — "O padre dizia: no dia que for fazer uma obrigação, que não frequente a Igreja [...] Mas que podia usar a fita da Irmandade

⁶ Documento antigo, bastante desgastado e com marcas do tempo, apresentando dobras, manchas e trechos apagados. No topo, lê-se o título "PERMISSÃO". O texto, datilografado, faz referência a uma mulher identificada como "D. Maria Miranda Souza", descrita como brasileira, maior, casada e residente na Fazenda Peixe, no município de Maracás. O conteúdo indica uma autorização concedida por autoridade policial, mencionando o ano de 1984. Na parte inferior, observam-se assinaturas e carimbos oficiais, incluindo registros da Delegacia de Polícia de Maracás-BA, com datas parcialmente legíveis.

"pode ser interpretada pela perspectiva da *sobreculturalidade* (MARTINS, 2015), na qual sujeitos reelaboram suas identidades sem abandonar suas referências.

Dona Maria nunca cobrou por suas curas, reafirmando que seu dom era para "ajudar o povo". Esse reconhecimento comunitário, contudo, historicamente foi alvo de perseguição pela Igreja, que estigmatizou mulheres que realizavam curas como ameaças à ordem social. Embora os mecanismos de repressão tenham se modernizado, seus efeitos simbólicos persistem. (Entrevista, 2025). Do ponto de vista subjetivo, a capacidade de Dona Maria de seguir existindo, mesmo diante da impossibilidade de instituir um terreiro ou de garantir a continuidade familiar do dom, dialoga com González Rey (2015). Ao negociar silêncios e reinventar modos de exercer o dom, ela constrói estratégias que lhe permitem continuar como benzedeira. (Entrevista, 2025)

Como analisa Federici (2017), o cercamento dos saberes populares e a consolidação da medicina profissional tentaram expropriar o patrimônio feminino de cura, mas a trajetória de Dona Maria revela uma resistência silenciosa: seus guias permaneceram ativos e seu dom seguiu operando no cuidado cotidiano. Trata-se de um saber que resiste não pela continuidade formal, mas pela memória viva inscrita no corpo.

Se o saber de Dona Maria sobreviveu às tentativas de silenciamento, é porque ele deixou marcas indeléveis naqueles que foram por ela acolhidos. A força desse legado não reside apenas na memória da benzedeira, mas no eco de sua atuação na vida da comunidade. É justamente essa percepção externa, tecida pelos testemunhos dos moradores, que nos permite compreender a dimensão real do seu impacto, o que nos conduz à análise do próximo subcapítulo: a construção coletiva da figura da benzedeira-parteira a partir da perspectiva daqueles que tiveram suas trajetórias atravessadas pelo seu cuidado.

3.5 “Era só chamar que ela vinha”: a benzedeira-parteira do Povoado do Peixe a partir das narrativas comunitárias

A reconstrução da trajetória da benzedeira-parteira do Povoado do Peixe não se dá, exclusivamente, por meio de sua própria voz, mas, sobretudo, pelas narrativas daqueles e daquelas que com ela conviveram. São os moradores que, ao compartilharem suas memórias, constroem coletivamente a imagem dessa mulher e de seu papel social, revelando não apenas práticas de cura, mas uma ética comunitária enraizada na solidariedade e na reciprocidade. A análise fundamenta-se em entrevistas realizadas em fevereiro a abril de 2025, nas quais a benzedeira emerge como uma presença constante, acionada em contextos de sofrimento,

nascimento e vulnerabilidade. Trata-se, portanto, de uma narrativa polifônica, que confere ao estudo um caráter coletivo.

Os relatos revelam que Dona Maria não era apenas “uma mulher que benzia”, mas uma referência basilar. Como afirma uma das entrevistadas,

“Abaixo de Deus, era Dona Maria”. Tal expressão, recorrente nas falas, não é um exagero retórico, mas a tradução da centralidade de seu papel em um período marcado pela extrema precariedade. Segundo os moradores, a ausência de médicos, transporte regular ou assistência pré-natal era suprida por redes de cuidado locais, nas quais Dona Maria ocupava o lugar de fiadora da vida. Conforme relembra Antônio Teles de Brito e Jesuína Tavares de Almeida, “abaixo de Deus, era ela” (Diário de Campo, jan. 2025), evidenciando a confiança absoluta depositada em seu ofício.

Essa lógica de cuidado comunitário dialoga com o conceito de *saberes orgânicos* de Nego Bispo (2015), produzidos no interior das comunidades como estratégias de existência e manutenção da vida em territórios historicamente marginalizados. Os entrevistados descrevem que a disponibilidade de Dona Maria era total: bastava chamá-la para que viesse, independentemente do horário ou das condições climáticas. Ana Lúcia Silva Souza, agente comunitária de saúde, descreve com densidade esse compromisso: *a benzedeira levantava-se de madrugada, sob chuva ou frio, munida de sua pequena bolsa, para atender partos em condições materiais limitadas muitas vezes à luz de candeeiros ou fogueiras* (Diário de Campo, mar. 2025).

Além de realizar o parto, Dona Maria permanecia no resguardo, cuidando da higiene e da alimentação da parturiente. Estima-se que tenha acompanhado cerca de 200 partos, sem registros de óbitos maternos ou infantis, números que, mais do que estatísticas, funcionam como marcadores simbólicos da eficácia de seu cuidado. Paralelamente, as práticas de benzeção para o “olhado”, dores, enfermidades infantis e males em animais eram oferecidas gratuitamente, consolidando seu papel como guardiã da saúde coletiva. (Entrevista, 2025)

A análise deste cenário permite compreender a *História da Saúde e da Enfermidade* sob uma perspectiva que integra o individual e o coletivo. Como aponta Oliveira (1985), a medicina popular oferece respostas concretas aos sofrimentos vividos no dia a dia. No Povoado do Peixe, Dona Maria emerge nos relatos como uma mulher que assumiu um compromisso social profundo, fundamentado na fé e na solidariedade, e não em uma prática institucionalizada. O vínculo afetivo estabelecido manifestado nos títulos de “mãe” e “comadre” indica uma concepção ampliada de parentesco, aproximando-se das reflexões de Krenak (2019) sobre a responsabilidade coletiva pela continuidade da vida.

Com a gradativa chegada dos serviços públicos de saúde, a atuação de Dona Maria sofreu um deslocamento. Embora tenha deixado de realizar partos, sua presença simbólica permanece viva, evocada como exemplo de coragem e dedicação. O estudo revela, assim, não uma oposição binária, mas uma relação de coexistência e tensão entre saberes tradicionais e a medicina científica. As narrativas demonstram que as práticas de Dona Maria não existiam por rejeição ao saber médico, mas pela necessidade de suprir a ausência do Estado. (Entrevista, 2025)

Ao reunir essas vozes, torna-se evidente que a benzedeira-parteira não é uma personagem do passado, mas uma construção viva da memória local. Sua trajetória expressa um modo de cuidar que se ancora na ancestralidade e na oralidade, elementos fundamentais para compreender como o Povoado do Peixe enfrentou, e continua enfrentando, as precariedades da existência.

Ao encerrar este capítulo, torna-se claro que a benzedeira-parteira- amiga do Povoado do Peixe personifica a resistência de um patrimônio cultural e terapêutico que insiste em existir. Através de sua trajetória, compreendemos que o cuidado, em contextos rurais e periféricos, é um ato político. A articulação entre a técnica do partejar, o saber das plantas no quintal e a força da fé nos rituais não constitui saberes isolados, mas um sistema complexo de manutenção da vida.

Mais do que o relato de uma biografia, este capítulo demonstrou que a "ciência" praticada por Dona Maria é uma ciência da relação: com a terra, com o sagrado, com o corpo do outro e com a comunidade. A tensão entre esse saber ancestral e as imposições de um modelo biomédico hegemônico e institucionalizado sublinha o caráter de resistência de sua prática. Assim, ao encerrarmos esta etapa, reafirmamos que o ofício de Dona Maria, transmitido pelo gesto e pela palavra, permanece como uma prática de saúde viva, cujas marcas, embora invisibilizadas pelos registros oficiais, encontram-se gravadas na memória, na subjetividade e na própria existência dos sujeitos que compõem o Povoado do Peixe.

4. MEMÓRIAS INCONCLUSAS: SABERES EM MOVIMENTO

O percurso investigativo desenvolvido nesta pesquisa permitiu atingir o objetivo geral de compreender como as memórias e os rituais de benzeção e parto de Dona Maria contribuem para a preservação da identidade cultural do Povoado do Peixe. Essa compreensão foi sustentada pelo uso da história de vida como eixo metodológico técnica que permitiu não apenas registrar fatos cronológicos, mas acessar a profundidade das experiências, dos traumas e das estratégias de resistência de uma mulher que se tornou a guardiã da saúde daquela comunidade.

A estrutura do estudo articulou-se de forma a responder aos objetivos específicos por meio de um rigoroso trabalho com instrumentos de coleta de dados típicos da pesquisa etnográfica. Entre eles, destacam-se:

- Entrevistas semiestruturadas: constituíram o instrumento basilar para o mapeamento da memória coletiva. Através das falas dos moradores, foi possível captar a dimensão social da atuação de Dona Maria, validando sua trajetória como eixo central de um sistema de cuidado comunitário;
- Diário de campo: funcionou como o repositório da vivência, registrando não apenas os relatos orais, mas os silêncios, os gestos, a ambiência dos quintais e a ritualística observada. Foi no diário de campo que se consolidou a análise do cotidiano, transformando a observação participante em um registro documental da prática viva.

A articulação entre a história de vida de Dona Maria e os dados coletados via entrevistas e diário de campo revelou que tais práticas não constituem "saberes residuais", mas sistemas complexos de conhecimento. A metodologia etnográfica mostrou-se precisa para captar as dimensões simbólicas e afetivas dessas práticas, revelando que a "tecnologia social" de Dona Maria baseada na escuta atenta, na disponibilidade constante e na confiança comunitária é uma forma legítima de resistência cultural frente à hierarquização colonial dos saberes.

É importante ressaltar que a escrita acadêmica, ao organizar o vasto material coletado, buscou respeitar o alerta de Nêgo Bispo (2015) sobre o risco de "adoecer" a oralidade. Ao transpor para o papel o que foi escutado e observado, a escrita procurou honrar a noção de escrevivência de Evaristo (2020), registrando memórias que, *embora fixadas nesta análise, continuam a pulsar no tempo da comunidade e nas novas mediações digitais, como o uso do WhatsApp por Dona Maria para realizar benzimentos à distância (Diário de campo, 2025).*

Este trabalho, portanto, não encerra a trajetória da benzedeira-parteira-amiga do Povoado do Peixe, mas a acompanhada por um trecho do caminho. Ao concluir, constatamos

que as práticas observadas e registradas não se restringem ao passado; elas se reorganizam, reafirmando sua vitalidade. A pesquisa cumpre sua função ética de registrar, validar e dar visibilidade a um saber que, longe de ser estático, segue operando como a principal ferramenta de sobrevivência e dignidade para a comunidade do Povoado do Peixe.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marco Paulo. **Práticas culturais da benzeção**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

AREND, Silvia Maria Fávero. **História das mulheres e das relações de gênero**: perspectivas teóricas e metodológicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

ARISTÓTELES. **Da memória e da reminiscência**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAHIA (Estado). Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC. **Vale do Jiquiriçá**. Disponível em: <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/territorio/vale-do-jequirica/>. Acesso em: 6 jul. 2025.

BASTOS, Naiyara Gomes. **A ecologia humana do benzimento**: saberes ancestrais de cura no território baiano. 2024. 216 f. Tese (Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2024.

BISPO, Antônio (Nêgo Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

BISPO, Antônio (Nêgo Bispo). **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais – UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Corrêa. Saberes tradicionais, o campo e o rural. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Saberes do campo, educação e cultura popular**. São Paulo: [s.n.], 2014. p. 19.

BRANDELLI, Clara Lia Costa. **Plantas medicinais**: histórico e conceitos. Porto Alegre: SAGAH, 2017. Disponível em:

https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/plantas_medicinais/artigos/PLANTAS%20MEDICINAIS%20HISTORICO%20E%20CONCEITOS.pdf. Acesso em: 17 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CAMPOS, Adelbiane Conceição. **Os segredos das ervas nos saberes e fazeres das benzedadeiras e benzedores da cidade de Goiás**. 2022. 122 f. Relatório Técnico (Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Goiás, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras**. 2009. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 3-27.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FERREIRA, Teresinha de Jesus. **Memórias, histórias e saberes de benzedadeiras(os), rezadeiras(os), raizeiras(os) e ialorixás de Viçosa e Ponte Nova – MG**. 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023.

FLORESTA, Maria das Graças. **Benzedeiras e práticas de cura**: religiosidade popular e saberes tradicionais. 2016.

FLORIANI, Dimas et al. Catolicismo rústico e saberes tradicionais: práticas religiosas e cultura popular no Brasil rural. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 19, n. 29, p. 85-102, 2016.

FONSECA, Maria Nazaré Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONTENELE, R. M.; ROSAL, L. F. **Saberes etnobotânicos e práticas de cura**: a transmissão do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEWEHR, M. et al. **Conhecimento ecológico e práticas populares de saúde**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GONZÁLEZ REY, Fernando; BIZERRIL, José (org.). **Saúde, cultura e subjetividade**: uma referência interdisciplinar. Brasília: UniCEUB, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1. ed. São Paulo: Editora Centauro, 1990.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

HELLINGER, Bert. **A simetria oculta do amor**: como as ordens do amor determinam os relacionamentos. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

HOFFMANN, Ingrid. **A cozinha do Brasil**: história e receitas. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

KONOPASKI, João Paulo; ALMEIDA, Rogério Miranda de. O sagrado e o profano na perspectiva de Mircea Eliade e Gregório de Nissa. **Helleniká – Revista Cultural**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 113–127, 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LE GOFF, Jacques. A memória. In: FALCÃO, Edmundo L. (org.). **A pesquisa em história: a pesquisa e o historiador**. São Paulo: Contexto, 1990. p. 365-370.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: a pré-história do pensamento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIMA, Kelenn Souza. **Benedeiras: entre o ofício do cuidar, patrimônio e hibridismo cultural**. 2023. 116 f. Relatório Técnico (Mestrado) – Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.

LUZ, Madel Therezinha. **Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Rio de Janeiro: Editora Hucitec, 2005.

MACEDO, E. O sentimento de pertencimento aparece como uma subcategoria da identidade do sujeito. In: ROSA, M. A. (org.). **Identidades em contexto: diálogos entre culturas**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 7-15.

MACHADO, Adilbênia Freire. Pedagogias da ancestralidade: perspectivas para ensino de filosofias africanas no Brasil. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v. 4, n. 17, p. 63–72, 2023.

MACIEL, Maria Eunice; NETO, José. **Benzeção: práticas populares de cura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARTINS, Daniel Valério. **A intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de Fortaleza-CE, Brasil**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidad de Salamanca, 2015.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATTOS, Cláudia Lemos de Gusmão. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MBEMBE, Achille. African modes of self-writing. **Public Culture**, v. 14, n. 1, p. 239-273, 2002.

MBEMBE, Achille. **On the Postcolony**. Berkeley: University of California Press, 2001.

MELO, Mariana Palácio de. **As feiticeiras do sertão: das artes de cura e das vivências das rezadeiras no município de Cajazeiras – PB**. 2024. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2024.

MENEGAT, Alzira Salete; TEDESCHI, Losandro Antonio; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba (org.). **Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário**. Dourados: Editora da UFGD, 2009.

MICHELET, Jules. **A feiticeira**. Tradução de Ana Moura. São Paulo: Editora Aquariana, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9-27.

NASCIMENTO, Keyla Cristine do et al. A arte de partejar: experiência do cuidado das parteiras tradicionais de Envira/AM. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 319-327, 2009.

OLIVEIRA, Camila Silva de; SANTANA, José Valdir Jesus de; SANTANA, Marise de. Produção e transmissão de conhecimentos em contextos indígenas: alguns apontamentos. **Fórum Identidades**, São Cristóvão, v. 31, n. 1, p. 173-188, 2014.

OLIVEIRA, Débora Priscila. **O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira**. 2018. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

OLIVEIRA, E. A ancestralidade é uma categoria de relação porque ela é um dos modos pelos quais as relações são geridas. In: SILVEIRA, J. F.; BORBA, C. R. C. (orgs.). **Sustentabilidade e ancestralidade: saberes e fazeres locais**. São Paulo: Editora Livraria e Editora do Brasil, 2007. p. 256-258.

OLIVEIRA, Elda R. de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UNICAMP, Campinas, 1983.

OLIVEIRA, Jurema José de. Ancestralidade e as religiões de matriz africana: o sagrado como espaço de resistência cultural. **Revista Mosaico**, v. 16, p. 108-124, 2023.

OLIVEIRA, Lucas Cândido de. **O reconhecimento dos saberes populares do município de São Sebastião do Paraíso – MG como patrimônio cultural imaterial**. 2022. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 1995.

PINSKY, Carla Bassanezi. **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. **A oralidade como forma de saber**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

PRIORE, Mary del. **Magia e medicina na colônia: o corpo feminino**. São Paulo: Contexto, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Emerson José Sena da Silveira. Religião e mobilidade: trânsito religioso e múltiplas pertencas. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 95-115, 2018.

ROCHA, Luiz Paulo Bezerra da et al. Uso de plantas medicinais: histórico e relevância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, 2021.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

RODRIGUES, Melina Soares. **Benzedeiras e raizeiras: entre novas e velhas práticas**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2018.

SALES, Teresa Cristina de Novaes Marques. **Mulheres rurais: trabalho, família e cidadania**. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SANTANA, Marise de. Palavra, imagem, oralidade e etnicidade: reflexões a partir dos saberes afro-brasileiros. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, p. 15-30, 2017.

SANTOS, Augusto Sérgio dos. A ancestralidade como categoria de inclusão: a alteridade como campo de relações. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 6, p. 223-239, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: Memória coletiva e experiência**. São Paulo: Instituto de Psicologia – USP, [s.d.].

SILVA, Eliane Moura. **Catolicismo popular e práticas de cura**. Campinas: Unicamp, 2009.

SILVA, J. **Identidade cultural e ancestralidade**. Rio de Janeiro: Editora Cidade Nova, 2023.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno atlântico**: demonologia e colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Mulheres e poder**: representações e práticas políticas. Dourados: Editora UFGD, 2009.

TELLES, L. F. D. S.; PIMENTA, T. S. Mulheres negras, parteiras e parturientes no século XIX: Saberes ancestrais de cuidado. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nogueira da Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VINUTO, Juliana. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXO A- Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS E RITUAIS DE BENZEÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE UMA BENZEDEIRA PARA A PRESERVAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DO POVOADO DO PEIXE

Pesquisador: IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84959124.9.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.359.128

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa, intitulado - Memórias e Rituais de Benzeção: As contribuições de uma benzedeira para a preservação histórica e cultural do Povoado do Peixe, tem como objetivo conhecer como as memórias e os rituais de cura preservam a história e a identidade cultural do Povoado do Peixe, localizado no município de Lagedo do Tabocal, na Bahia. A pesquisa busca documentar como os saberes relacionados à benzeção são transmitidos entre gerações e como essas práticas são valorizadas pela comunidade, especialmente pelas novas gerações. Utilizando uma abordagem qualitativa e etnográfica, a investigação incluirá coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise do discurso, visando identificar as práticas culturais e o papel da benzedeira na transmissão de saberes tradicionais. Neste contexto, Mãe Maria emerge como figura central, não apenas pela sua atuação como benzedeira, mas também pela riqueza de suas práticas de cura, que são o objeto principal da pesquisa. Todos os participantes serão informados sobre o Registro de Consentimento Livre e Esclarecidos (RCLE), e o Termo de Autorização para uso de Imagem e Depoimentos será assinado, garantindo a participação consciente. O projeto garantirá a confidencialidade das informações coletadas e será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), conforme as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, será elaborado um documentário ou material escrito.

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepq@uesb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 7.359.128

como tipos de plantas ou animais.

Benefícios:

Esta pesquisa trará benefícios significativos, destacando a essencial preservação das tradições culturais e saberes ancestrais do Povoado do Peixe.

Por meio de uma abordagem participativa que promove o diálogo intergeracional, os mais velhos poderão compartilhar seus conhecimentos e experiências com os mais jovens, garantindo que rituais e memórias da comunidade permaneçam vivos e relevantes. A valorização da identidade cultural resultante desse processo poderá suscitar um renovado sentimento de orgulho entre os moradores, fomentando o engajamento em iniciativas que preservam e promovem a cultura local. Assim, a pesquisa se torna uma ferramenta valiosa para garantir que a riqueza cultural do Povoado do Peixe seja documentada e valorizada, evitando sua perda ao longo do tempo e assegurando que as novas gerações reconheçam e valorizem a importância de suas raízes culturais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto vinculado ao Órgão de Educação e Relações Étnicas - ODEERE - Programa De Pós-Graduação Em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC - UESB

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2451434.pdf - postado em 16/12/2024 23:15:49
- 2) PROJETODETALHADO.pdf - postado em 12/11/2024 22:15:59
- 3) CRONOGRAMAFINACEIRO.pdf - postado em 12/11/2024 22:14:55
- 4) TERMOIMAGENS.pdf - postado em 06/11/2024 00:31:07
- 5) ENTREVISTABENZEDEIRA.pdf - postado em 06/11/2024 00:30:27
- 6) ENTREVISTAMORADORES.pdf - postado em 06/11/2024 00:29:23
- 7) DCOMPROMISSO.pdf - postado em 06/11/2024 00:28:00
- 8) PORTARIA.pdf - postado em 06/11/2024 00:25:10
- 9) CRONOGRAMA.pdf - postado em 06/11/2024 00:04:12
- 10) folhaDeRosto_Ivana_assinado_assinado.pdf - postado em 05/11/2024 23:58:43
- 11) TCLE_CEPtcl.pdf - postado em 24/01/2025 16:47:37 (solicitado pela pesquisadora)
- 12) TTU.pdf - postado em 24/01/2025 16:49:41 (solicitado pela pesquisadora)

O documento TCLE.pdf - postado em 06/11/2024 00:23:16 não foi considerado para análise.

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 7.359.128

para compartilhar as memórias de benzeção do Povoado do Peixe, contribuindo para a valorização das tradições locais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo principal deste estudo é conhecer como as memórias e os rituais de cura contribuem à preservação da história e identificação cultural do Povoado do Peixe situado no município de Lagedo do Tabocal, na Bahia. A investigação será realizada com foco nas práticas da benzedeira local, uma figura essencial para a perpetuação dos saberes ancestrais e das tradições populares ligadas à cura e ao cuidado comunitário. A pesquisa dialogará com as conexões sociais e culturais do povoado, evidenciando como as práticas de benzeção contribuem para a construção da identidade cultural e histórica da comunidade ao longo do tempo. Para alcançar esse objetivo, busco identificar as memórias coletivas dos moradores por meio de entrevistas, compreender o papel da benzedeira na transmissão de saberes e práticas tradicionais, com ênfase nos cuidados de saúde através dos rituais de benzeção, e compartilhar as memórias de benzeção da comunidade por meio de um documentário ou material escrito. Com essa abordagem, pretendo integrar as experiências locais com o conhecimento acadêmico, promovendo um diálogo enriquecedor entre a pesquisa e a comunidade, valorizando seus saberes ancestrais.

Objetivo Secundário:

Identificar as memórias coletivas dos moradores do Povoado do Peixe, por meio de entrevistas;

Entender o papel da benzedeira na transmissão de saberes e práticas tradicionais do povoado, com foco nos cuidados de saúde por meio de rituais de benzeção.

Compartilhar por meio de documentário, ou material escrito às memórias de benzeção do Povoado do Peixe.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Ao resgatar memórias para responder aos questionamentos, é normal que os participantes possam se emocionar ou se sentir desconfortáveis com algumas perguntas, especialmente ao relembrar acontecimentos passados, memórias desagradáveis que podem gerar constrangimento. Outro risco em potencial é a revelação de elementos de cura da comunidade.

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 7.359.128

como tipos de plantas ou animais.

Benefícios:

Esta pesquisa trará benefícios significativos, destacando a essencial preservação das tradições culturais e saberes ancestrais do Povoado do Peixe.

Por meio de uma abordagem participativa que promove o diálogo intergeracional, os mais velhos poderão compartilhar seus conhecimentos e experiências com os mais jovens, garantindo que rituais e memórias da comunidade permaneçam vivos e relevantes. A valorização da identidade cultural resultante desse processo poderá suscitar um renovado sentimento de orgulho entre os moradores, fomentando o engajamento em iniciativas que preservam e promovem a cultura local. Assim, a pesquisa se torna uma ferramenta valiosa para garantir que a riqueza cultural do Povoado do Peixe seja documentada e valorizada, evitando sua perda ao longo do tempo e assegurando que as novas gerações reconheçam e valorizem a importância de suas raízes culturais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto vinculado ao Órgão de Educação e Relações Étnicas - ODEERE - Programa De Pós-Graduação Em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC - UESB

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2451434.pdf - postado em 16/12/2024 23:15:49
- 2) PROJETO DETALHADO.pdf - postado em 12/11/2024 22:15:59
- 3) CRONOGRAMA FINANCEIRO.pdf - postado em 12/11/2024 22:14:55
- 4) TERMO IMAGENS.pdf - postado em 06/11/2024 00:31:07
- 5) ENTREVISTA BENZEDEIRA.pdf - postado em 06/11/2024 00:30:27
- 6) ENTREVISTA MORADORES.pdf - postado em 06/11/2024 00:29:23
- 7) DCOMPROMISSO.pdf - postado em 06/11/2024 00:28:00
- 8) PORTARIA.pdf - postado em 06/11/2024 00:25:10
- 9) CRONOGRAMA.pdf - postado em 06/11/2024 00:04:12
- 10) folhaDeRosto_Ivana_assinado_assinado.pdf - postado em 05/11/2024 23:58:43
- 11) TCLE_CEPtcl.pdf - postado em 24/01/2025 16:47:37 (solicitado pela pesquisadora)
- 12) TTU.pdf - postado em 24/01/2025 16:49:41 (solicitado pela pesquisadora)

O documento TCLE.pdf - postado em 06/11/2024 00:23:16 não foi considerado para análise.

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho CEP: 45.206-510
UF: BA Município: JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepjq@uesb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 7.359.128

Outros	CRONOGRAMAFINACEIRO.pdf	12/11/2024 22:14:55	CARVALHO	Aceito
Outros	TERMOIMAGENS.pdf	06/11/2024 00:31:07	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
Outros	ENTREVISTABENZEDEIRA.pdf	06/11/2024 00:30:27	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
Outros	ENTREVISTAMORADORES.pdf	06/11/2024 00:29:23	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	DCOMPROMISSO.pdf	06/11/2024 00:28:00	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
Outros	PORTARIA.pdf	06/11/2024 00:25:13	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/11/2024 00:23:16	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	06/11/2024 00:04:12	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Ivana_assinado_assinado .pdf	05/11/2024 23:58:43	IVANA MEIRA SILVA DE CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 05 de Fevereiro de 2025

**Assinado por:
Carla Patricia Novais Luz
(Coordenador(a))**

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

ANEXO B- Termo de autorização/Uso de nome**Termo de Autorização para Uso do Nome.**

Título da Pesquisa: *Memórias e Rituais de Benzeção: A Contribuição de uma Benzedeira para Preservação Histórica e Cultural do Povoado do Peixe.*

Eu, **Maria Meira de Sousa**, CPF nº 9665767553, residente no Povoado do Peixe, em Lagedo do Tabocal, Bahia, autorizo que meu nome seja mencionado nesta pesquisa, realizada por **Ivana Meira Silva de Carvalho**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, PPGREC-UESB, com o objetivo de registrar as memórias e os saberes das práticas de benzeção.

Estou ciente de que moradores da comunidade, como participantes da pesquisa, poderão falar sobre minha atuação como benzedeira e que as informações coletadas serão utilizadas em relatórios, artigos científicos, apresentações e outros materiais acadêmicos ou culturais, sempre respeitando a minha história e imagem.

Declaro que fui informada de forma clara e compreensível sobre o propósito da pesquisa e autorizo, de livre e espontânea vontade, o uso do meu nome para os fins citados acima.

Lagedo do Tabocal, 13 de Janerio de 2025.

Assinatura ou impressão digital: Maria Meira Sousa

ANEXO C- Declaração de compromisso para pesquisas com seres humanos

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSOS PARA PESQUISAS COM SERES HUMANOS

(Aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

TÍTULO DA PESQUISA:

Memórias e Rituais de Benzeção: A Contribuição de uma Benzedeira para a Preservação Histórica e Cultural do Povoador do Peixe.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Ivana Meira Silva de Carvalho.

O pesquisador responsável pela estudo supracitado, seu(sua) orientador(a)/orientando(a), bem como os eventuais outros membros e assistentes da pesquisa, DECLARAM ESTAR CIENTES DE QUE LHESES SÃO INAFASTÁVEIS A OBSERVÂNCIA E O CUMPRIMENTO de todas as responsabilidades previstas nos princípios e normas estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde, nas Resoluções nº 466/2012 e nº. 510/2016, na Norma Operacional nº 001/2013, bem como nas demais legislações atinentes à ética em pesquisa com seres humanos, cujos principais termos estão abaixo explicitados:

TÍTULO 1

Compromisso Geral

- I. Cumprir os requisitos da Resolução CNS Nº 466/2012 e da Resolução 510/2016 (nas pesquisas de ciências humanas e sociais) e suas complementares;
- II. Utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo;
- III. Publicar os resultados da pesquisa, quando de sua conclusão, independentemente de serem eles favoráveis ou não;
- IV. Conduzir o estudo de acordo com o protocolo, observando e salvaguardando os princípios éticos cabíveis, as Boas Práticas Clínicas e as Boas Práticas de Laboratório;
- V. Conduzir e supervisionar pessoalmente as pesquisas clínicas;
- VI. Informar ao patrocinador do estudo, ao Comitê de Ética em Pesquisa e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária sobre os eventos adversos graves que venham a ocorrer durante o desenvolvimento da pesquisa.
- VII. Iniciar a coleta de dados somente após obter as aprovações necessárias por parte do CEP/UESB e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando for o caso;
- VIII. No caso de submissão de projeto da modalidade "Relato de Caso", mesmo com a coleta de dados já tendo sido iniciada, divulgar estes dados somente após a aprovação do CEP/UESB;
- IX. Estar devidamente cadastrado na Plataforma Brasil.

TÍTULO 2

Compromissos Financeiro e Orçamentário

- I. Não haverá pagamentos ao participante da pesquisa por conta da sua participação;
 - a) Admite-se, entretanto, o ressarcimento de despesas relacionadas à sua participação no estudo, se necessário, tais como despesas com transporte e alimentação;
- II. Nenhum exame ou procedimento realizado em função da pesquisa pode ser cobrado do participante, do seu responsável ou do agente pagador de sua assistência (no caso de pesquisas clínicas), devendo o pesquisador ou o patrocinador do estudo cobrir tais despesas;
- III. O duplo pagamento pelos procedimentos não pode ocorrer, especialmente envolvendo gasto público não autorizado (pelo SUS);
- IV. A Instituição proponente, as participantes, as coparticipantes e aquelas que figurarem como campo de coleta de dados devem ter conhecimento da pesquisa e de suas repercussões orçamentárias;

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

- V. O A remuneração do pesquisador deve constar como item específico de despesa no orçamento da pesquisa;
- a) Este pagamento nunca pode ser de tal monta que induza o pesquisador a provocar alteração da relação riscos/benefícios para os participantes.

TÍTULO 3

Compromisso de Indenização

- I. É garantido aos participantes da pesquisa (e aos seus responsáveis ou acompanhantes, quando cabível) o direito à indenização (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, seja na dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano;
- II. Sob hipótese alguma será exigida dos participantes da pesquisa a renúncia ao direito à indenização.

TÍTULO 4

Compromisso Metodológico

- I. Toda a pesquisa envolvendo seres humanos produz riscos. Destarte, serão admissíveis apenas as pesquisas nas quais o risco seja justificado em relação ao benefício esperado. (Resolução CNS Nº 466/2012 – V. I.a);
- II. É eticamente inútil, -e, portanto, inaceitável-, a pesquisa cujo projeto seja inadequado do ponto de vista metodológico;
- III. O arquivo contendo a íntegra do projeto de pesquisa deve, em especial, delinear, claramente, os critérios de inclusão e exclusão referentes ao estudo; descrever, detalhadamente, a metodologia a ser utilizada e informar, de forma adequada e atualizada, a lista de referências bibliográficas utilizada.

TÍTULO 5

Compromisso Documental

- I. É imprescindível entregar, ao CEP/UESB e, quando cabível, à CONEP, relatórios parciais (no mínimo semestrais) e finais da pesquisa, bem como notificações de eventos adversos sérios e imprevistos que venham a ocorrer durante o andamento do estudo.
- II. Cabe ao pesquisador acompanhar todos os trâmites de seu projeto na Plataforma Brasil, independentemente de qualquer mensagem enviada pelo sistema.

Lagedo do Tabocal, 04 de novembro de 2024

ASSINATURAS

Pesquisador Responsável:

Orientador(a)/Orientando(a):

Daniel Valério Martins.

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 2

Rubricas:

ANEXO D- Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DA PESQUISA:	Pesquisa: Memórias e Rituais de Benzeção: A contribuição de uma benzedeira para preservação histórica e cultural do Povoado do Peixe
PESQUISADOR RESPONSÁVEL:	Ivana meira Silva de Carvalho.

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE);
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a quaisquer das partes envolvidas na pesquisa;
- e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/ 1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004),

AUTORIZO, através do presente documento, **e CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de gravações (sons e imagens)

☐ da minha pessoa

☐ do indivíduo pelo qual sou responsável

Lagedo do Tabocal BA, 30 de setembro

Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)

Assinatura do(a) pesquisador



Impressão Digital
(Se for o caso)

Página 1

APÊNDICE A- Roteiro de entrevista com a benzedeira do Povoado do Peixe-BA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A BENZEDEIRA DO POVOADO DO PEIXE.

Nome: _____

Idade: _____ Data de nascimento: _____

Cidade: _____

Raça/cor/etnia: Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena ():

1. Qual é o seu nome completo e a sua idade?
2. Como você descreveria a sua infância no Povoado do Peixe?
3. O que levou você a se tornar uma benzedeira? Você já teve esse desejo desde a infância?
4. Quem foi sua primeira professora na arte de benzer, e como aconteceu esse aprendizado?
5. Quais são os principais motivos que levam as pessoas a procurarem seus serviços de benzeção?
6. O que a benzeção significa para você pessoalmente?
7. Há quanto tempo você pratica a benzeção?
8. Você já ensinou a alguém a arte da benzeção? Se sim, quem foi?
9. Em sua opinião, qual a importância da benzeção para a comunidade do Povoado do Peixe?
10. Quais plantas ou ervas você costuma utilizar durante a benzeção? Existe alguma que você considera essencial?
11. Existe um local específico onde você costuma realizar as benzeções? Se sim, por que esse lugar é escolhido?
12. Como você percebe a relação entre a benzeção e a cultura local do Povoado do Peixe?
13. Você já enfrentou preconceitos ou desconfiança por ser uma benzedeira? Como lidou com isso?
14. Como você acredita que as práticas de benzeção podem ajudar a preservar a identidade cultural da comunidade?
15. Que histórias ou memórias de benzeção você considera mais significativas e gostaria de compartilhar com as novas gerações?

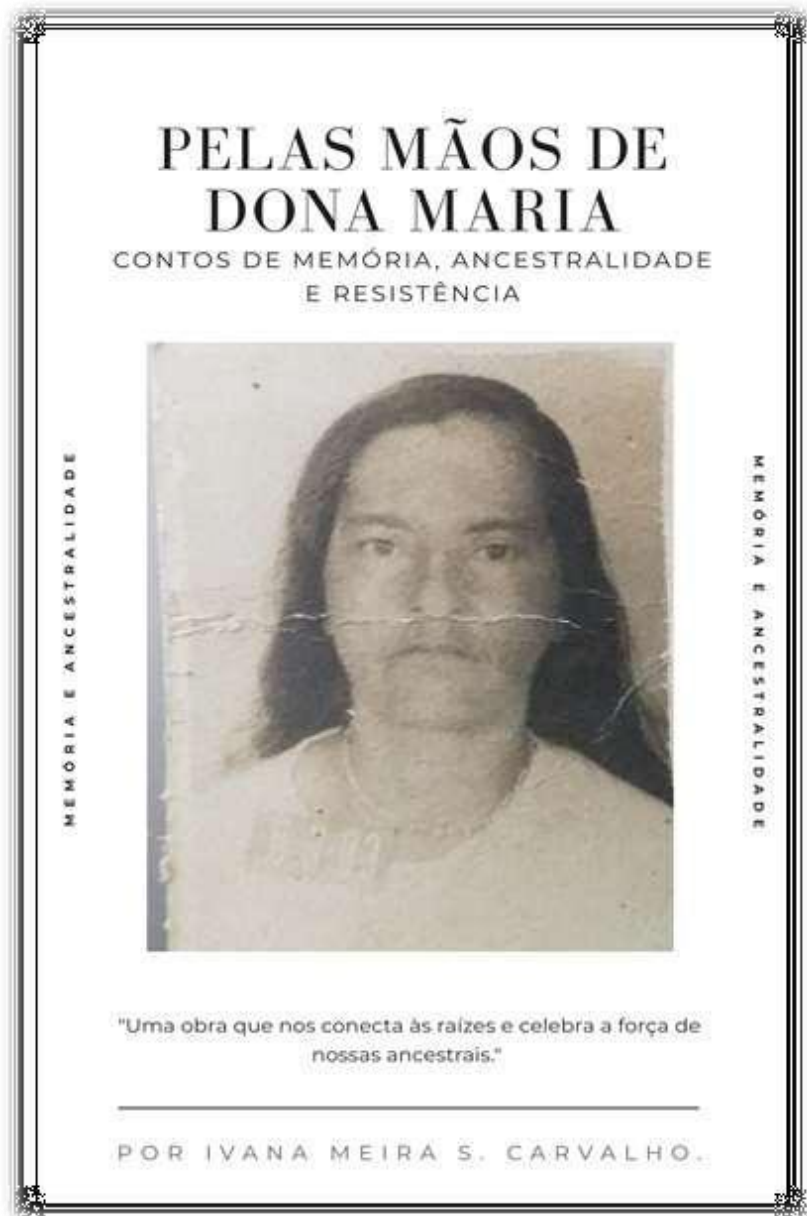
APÊNDICE B- Entrevistas com os moradores do Povoado do Peixe-BA

1. Nome: _____
2. Idade: _____ Data de nascimento: _____
3. Cidade : _____
4. Raça/cor/etnia: Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena ():
05. Como você descreveria o papel da benzedeira Dona Maria na sua comunidade?
06. Na sua visão, as práticas de benzeção no Povoado do Peixe têm mudado ao longo dos anos? Se sim, como?
07. Você se considera parte de um grupo que compartilha e preserva os conhecimentos tradicionais?
08. Você tem alguma lembrança pessoal que gostaria de compartilhar sobre a benzeção ou as benzedeadas?
09. Existe algo que você gostaria que as jovens gerações soubessem sobre as práticas de benzeção?
10. Você acha que as comunidades mais jovens se interessam pelas tradições culturais do passado?
11. Você conhece a história de seu povoado, as festas, as tradições existentes, como eram realizadas no Povoado do Peixe desde o seu início?
12. Como e quando foi fundado o Povoado do Peixe? Quem foram os primeiros moradores do Povoado do Peixe e quais eram suas origens? Vieram de outros lugares, houve imigração?
13. Existem registros históricos ou documentos que contam a história do Povoado do Peixe? Há arquivos, livros ou registros que descrevem a história do local?
14. Quais eram as principais atividades econômicas e modos de vida dos moradores no início do povoado? (Agricultura, pesca, comércio, etc.)
15. Qual é a sua lembrança mais antiga sobre como as decisões na sua comunidade eram tomadas, e como isso mudou ao longo do tempo?

APÊNDICE C- Tabela de Revisão de Literatura

Nº	TÍTULO	AUTOR(A)	ANO/NÍVEL	INSTITUIÇÃO
1	Os segredos das ervas nos saberes e fazeres das benzedeiras e benzedeiros da Cidade de Goiás	Adelbiane Conceição Campos	2022 - Mestrado	Universidade Estadual de Goiás
2	História da educação na Guiné-Bissau: análise do projeto educativo do PAIGC no período da luta da libertação nacional (1963-1973)	Aldenauer Marcos da Costa	2023 - Mestrado	Universidade Estadual do Centro-Oeste/Unicentro
3	A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras	Celina Gontijo Cunha	2018 - Mestrado	Universidade Federal de Ouro Preto Instituto de ciências Humanas e Sociais
4	O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira	Débora P. Oliveira	2018 - Mestrado	Universidade Federal de São Carlos
5	Benzedeiras: entre o ofício do cuidar, patrimônio e hibridismo cultural	Keleenn Souza Lima	2023 - Mestrado	Universidade Estadual de Goiás
6	O reconhecimento dos saberes populares do município de São Sebastião do Paraíso – MG como patrimônio cultural imaterial	Lucas Cândido de Oliveira	2022 - Mestrado	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP
7	Tradição e Modernidade: estudo sobre as representações e práticas culturais da benzeção	Marco Paulo Andrade	2019 - Mestrado	Universidade Federal de Viçosa - Campus de Viçosa.
8	Formação e prática de benzedeiras, rezadeiras, raizeiras e ialorixás	Melina Soares Rodrigues	2018 - Mestrado	Universidade de Brasília Faculdade de Ceilândia.
9	Benzedeiras e Raizeiras: entre novas e velhas práticas	Teresinha de Jesus Ferreira	2023 - Mestrado	Universidade Federal de Viçosa- Campus de Viçosa.

APÊNDICE D- livro de contos “Pelas mãos de Dona Maria”



“Há mulheres que não apenas vivem: fazem a vida chegar.”

Este livro constitui-se como um Produto Educacional vinculado à pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A obra nasce da escuta atenta, sensível e comprometida com as vozes que, por muito tempo, foram silenciadas pela história oficial. Ao adentrar o Povoado do Peixe, não se encontra apenas um território geográfico, mas um espaço vivo de memórias, práticas e resistências que se sustentam na oralidade e na ancestralidade. Dona Maria, benzedeira, parteira e guardiã de saberes, é mais do que protagonista desta narrativa ela é expressão de um conhecimento ancestral que atravessa gerações e resiste às imposições de uma racionalidade que, historicamente, deslegitimou os saberes populares.

Este trabalho insere-se no campo das relações étnicas, da valorização dos saberes tradicionais e das epistemologias do Sul, buscando compreender como as práticas de benzeção, os rituais de cura, o partejar e as memórias contribuem para a construção da identidade cultural da comunidade do Povoado do Peixe-Ba.

Destinado a leitores diversos, entre estudantes, educadores, pesquisadores e membros da comunidade, este livro busca contribuir para a valorização dos saberes tradicionais, especialmente no contexto da Educação Básica, ao possibilitar o diálogo com práticas de cura populares, memória, oralidade e ancestralidade nos espaços escolares, em diálogo com as diretrizes da educação para as relações étnico-raciais e a valorização das culturas locais. Mais do que um material didático, esta obra se configura como um convite.

Um convite à escuta, ao reconhecimento de outras formas de conhecimento e à valorização de saberes que resistem no cotidiano das comunidades. Um convite a compreender que educar também é aprender com aqueles que historicamente foram colocados à margem. Ao leitor e à leitora, fica o convite: caminhe por estas páginas com sensibilidade, permita-se escutar as vozes que ecoam nelas e reconheça, nas rezas, nos partejos e nas curas de Dona Maria, a força de uma história que insiste em viver.

Boa leitura!

Autora: Ivana Carvalho.



Ilustração:
Ivaneide Meira S.de Carvalho

CAPÍTULO 1.

Onde vive uma benzedeira: memórias, cuidado e pertencimento no Povoado do Peixe - BA.



Fonte: Imagem capturada por Rafael Nascimento.

Antes de existir como povoado, o Peixe era água. Era uma lagoa viva, abundante, onde os peixes não apenas habitavam, mas definiam o próprio sentido daquele território. Foi dessa relação com a natureza que nasceu o nome e, mais do que isso, a identidade de um lugar construído entre sobrevivência, partilha e permanência.

Situado às margens do Rio Jequiriçá, no interior da Bahia, o Povoado do Peixe é uma comunidade rural do município de Lagedo do Tabocal, no sudoeste do estado, integrante do Território de Identidade Vale do Jequiriçá, não tem sua história registrada em documentos oficiais, mas guardada na memória dos mais velhos⁷. São essas vozes que revelam fragmentos da história do Povoado do Peixe, ainda que nem sempre seja possível reconstituir, com precisão, suas origens mais remotas. Os relatos dos moradores, de forma recorrente, fazem referência à chegada de algumas famílias que marcaram profundamente a organização do lugar, entre elas

⁷ Os relatos apresentados neste capítulo foram construídos a partir de entrevistas realizadas com moradores do Povoado do Peixe, selecionados por seu conhecimento sobre a história local e por sua vivência na comunidade. Participaram como colaboradores: Ana Lúcia (Aninha), 64 anos, Agente Comunitária de Saúde; Marina dos Santos (Dona Maurina), 63 anos, agricultora e artesã, Alaíde Vieira, Maria dos Santos Figueiredo Gonçalves 77 anos, Jesuína Tavares de Almeida, 87anos e Antônio Teles de Brito, 86, ambos lavradores, (aposentados). Maria Madalena de Oliveira e Silva, aposentada. Suas narrativas constituíram fontes fundamentais para a reconstrução histórica do povoado, tendo em vista a ausência de registros escritos formais.

a de Eugênia Josefina de Sousa. Ao adquirir a Fazenda Bom Jesus, Eugênia não apenas passou a ocupar a terra, mas assumiu um papel importante na estruturação da vida comunitária. Segundo as narrativas, foi ela quem identificou necessidades fundamentais e atuou diretamente sobre elas, contribuindo para a finalização da construção da igreja e para a instituição do cemitério, garantindo dignidade inclusive nos momentos finais da vida, deu início a práticas religiosas que permanecem vivas até os dias atuais, como a devoção a Nossa Senhora do Carmo, atual padroeira da comunidade. Nesse sentido, mais do que uma origem única, sua presença se inscreve como uma referência central na memória coletiva da comunidade.

Sua atuação evidencia uma forma de liderança feminina que, embora muitas vezes silenciada na história oficial, permanece viva na memória dos que narram. Ao seu lado, seu filho, Antônio Nunes, também contribuiu significativamente para o crescimento do povoado, sobretudo por meio da doação de terras para a construção de escolas e espaços comunitários.

Desde então, a vida no Peixe se construiu a partir do trabalho coletivo e da relação com a terra. A agricultura de subsistência, o cultivo do feijão, milho, mamona e da mandioca, as casas de farinha e a partilha entre vizinhos moldaram um modo de vida onde o essencial era viver junto. A cultura também se firmou como expressão dessa coletividade. Festas, rezas, cantigas, ternos de reis e celebrações juninas, bem como a feitura de presépios natalinos e as confecções artesanais como vassouras de palha e cestos de cipó, além da culinária típica baseada nos derivados da terra, revelam um território onde o sagrado e o cotidiano se entrelaça. Mesmo diante das transformações do tempo, essas práticas resistem, reinventando-se sem perder suas raízes.

No processo de organização do Povoado do Peixe, antes da emancipação de Lajedo do Tabocal e ainda sob a administração do município de Maracás, destacavam-se lideranças locais que atuavam como mediadoras das necessidades da comunidade. Seu Roque Meira exercia um papel central como representante comunitário, articulando demandas políticas, de saúde e de organização social. Ao seu lado, o senhor Armando São Paulo, então vereador em Maracás, oferecia apoio logístico por meio de seu veículo, contribuindo para o atendimento das demandas locais. Também se destacavam seu Achilles Pinheiro, conhecido como seu Santinho, e Dona Zoraide, sua esposa, que atuava na área da saúde, acompanhando mulheres grávidas para a realização de partos cesáreos junto ao Doutor Cardoso, médico obstetra da cidade de Jaguaquara (BA).

Nesse contexto, as práticas de educação e cuidado emergem como dimensões centrais na organização da vida comunitária. Geselita Meira é frequentemente lembrada nas narrativas

locais como uma importante educadora e cuidadora da comunidade, tendo realizado, ao longo do tempo, atendimentos básicos de enfermagem mesmo sem formação técnica. Outras professoras e mulheres de destaque, como Cremilda e Julieta Souza, também se inserem no reconhecimento da memória coletiva da comunidade. No campo da subsistência, seu Antônio Nunes contribuía por meio do sistema de “meia⁸”, enquanto seu Adeovaldo Morbeck, conhecido como senhor Vaduta, auxiliava com transporte e trabalho, e Antônio Teixeira da Silva, também conhecido como Tota da Gameleira, participava das redes de ajuda mútua que sustentavam o cotidiano comunitário. Já no plano político mais amplo, Elpídio Sousa destacou-se como uma liderança influente na região, exercendo papel importante na articulação de demandas e no processo de fortalecimento do povoado.

Paralelamente a essas representações, a sustentação cotidiana do povoado esteve profundamente ligada ao protagonismo feminino. Mulheres como **Edite Rodrigues, a dona Edite**, Jesuína Tavares de Almeida conhecida como **(Daziza)** e Idalice Meira como **(Licinha)** foram fundamentais, especialmente no contexto escolar, onde, mesmo diante da ausência de infraestrutura, garantiam a alimentação dos alunos. Buscavam água nos rios, carregavam lenha, acendia o fogo em fogões improvisados, eram fogões à lenha e, muitas vezes, preparavam a merenda em suas próprias casas para levá-la pronta à escola. Essas práticas revelam não apenas esforço, mas uma ética do cuidado e da coletividade, evidenciando o papel central das mulheres na manutenção da vida comunitária.

Nesse cenário, destaca-se de forma emblemática **Dona Maria Meira**, benzedeira e parteira, figura essencial na história do povoado. Conhecida como comadre Maria, Mãe Maria, Maria de Virgílio, ela acompanhava gestantes desde os primeiros meses e estava sempre pronta para atender aos partos, independentemente da hora ou das condições. Com sua bolsa preparada, deslocava-se para socorrer mulheres e trazer novas vidas ao mundo, consolidando uma prática baseada na confiança, no saber ancestral e na solidariedade. Assim, a formação do povoado do Peixe revela-se como resultado de uma rede de relações marcada tanto por lideranças comunitárias quanto, sobretudo, pelo protagonismo feminino, responsável por sustentar a memória, os saberes e a resistência da comunidade.

⁸ O sistema de “meia” refere-se a uma forma tradicional de parceria agrícola, comum em áreas rurais brasileiras, na qual o trabalhador cultiva a terra de um proprietário e, como forma de pagamento, divide a produção obtida, geralmente em partes iguais. Esse arranjo envolve relações de trabalho baseadas na partilha, podendo incluir também o fornecimento de insumos, ferramentas ou moradia por parte do proprietário.

Vista aérea do Rio Jequiriçá no Povoado do Peixe



Fonte: Rafael Nascimento

Capítulo –2

Quem é dona Maria Meira?

Dona Maria Meira é dessas mulheres que carregam no corpo e na memória a história de um lugar. Nascida na Baixa da Fazenda, uma pequena comunidade rural, localizada nas proximidades do Povoado do Peixe, cresceu entre a roça e o convívio com a família, aprendendo desde cedo o valor do trabalho e da coletividade. Filha de Edite Meira Silva, criada na Fazenda das Pombas, e de Fidelcino Antônio de Souza, natural de Caetité que chegou à região em busca de melhores condições de vida, Dona Maria teve uma infância marcada pelo entrelaçamento entre viver e trabalhar, como era comum naquele contexto rural.

Quando fala de si, ela não hesita: diz preta. E diz com simplicidade, como quem afirma pertencimento. Casou-se jovem, aos 21 anos com Virgílio Miranda, também do povoado, e foi com ele que iniciou uma nova etapa de sua vida no Povoado do Peixe. Ali construiu sua família Ivonete, Maria do Bomfim, Antônio Gerisnal e Edvanda, que cresceu e se multiplicou em netos e bisnetos, formando uma extensa rede de afetos e continuidade.

Ao longo dos anos, Dona Maria se tornou mais que mãe, avó e bisavó: tornou-se referência. Benzedeira, parteira, rezadeira, costureira e cuidadora, desenvolveu saberes que não vieram da escola da qual foi afastada após o casamento, mas da própria vida. Com ervas, rezas e fé, acolheu mulheres, realizou 200 partos, cuidou de crianças e ajudou a aliviar dores do corpo e da alma. Sua casa transformou-se em espaço de cuidado, ensino e partilha. Dona Maria é, assim, uma mulher que fez da própria existência um gesto contínuo de cuidar do outro, sustentando, com suas mãos e seus saberes, a vida no Povoado do Peixe.

CAPÍTULO 3 – Entre memórias e saberes: Contos de minha Vó Maria

“O que aqui se apresenta não é ficção, mas memória narrada — onde a vida se conta em forma de história.”

A partir deste ponto, o leitor é convidado a adentrar em outro tempo o tempo da memória, da oralidade e da experiência vivida. As próximas páginas se desdobram em forma de contos, que narram episódios marcantes da trajetória de Dona Maria Meira: seus feitos como parteira, benzedeira, rezadeira, costureira, fazedora de lapinhas e de comidas tradicionais, como o caruru; seus enfrentamentos, sua relação com a fé e com a igreja, e os saberes que construiu ao longo da vida. Entre uma história e outra, emergem rezas para dor de cabeça, xaropes para gripe, receitas e práticas de cuidado que revelam um conhecimento ancestral transmitido pela experiência. Mais do que relatos, esses contos constituem fragmentos de uma vida que se inscreve na coletividade, convidando o leitor a sentir, imaginar e reconhecer, nas pequenas narrativas, a grandeza de uma existência dedicada ao cuidado.

Conto 1 – Quando a noite chamava

“E quando o dia amanheceu Dona Maria não levou dinheiro, levou apenas um ‘Deus lhe pague’”!

Naquela noite, o chamado veio apressado. Um homem chegou a cavalo, batendo à porta com urgência. Não precisou dizer muito. Dona Maria já sabia: havia uma mulher em trabalho de parto. Levantou-se sem demora. Sua bolsinha já estava pronta, como sempre um pano, o cordão para o umbigo, alguns instrumentos simples e as rezas guardadas na memória. Não importava a hora, a distância ou se conhecia bem aquela família. Quando a noite chamava, ela ia.

O caminho era longo e escuro. Às vezes chovia às vezes o silêncio era cortado apenas pelo trote do cavalo. Não havia luz, apenas a fé guiando seus passos. Ao chegar, encontrou uma casa simples, sem energia, sem lamparina. A mulher gemia de dor, o corpo cansado lutando para trazer outro ao mundo. O medo tomava conta do ambiente. Dona Maria, firme, tomou a frente: - Faça um fogo! - Traga um pano limpo! Vamos ajeitar isso aqui.

A pequena fogueira iluminou o quarto de chão batido. Era com aquilo que se fazia o parto. Suas mãos sabiam o que fazer. O tempo parecia esticado, a dor vinha em ondas fortes, mas Dona Maria permanecia inteira. Rezava baixo, orientava, tocava, esperava. E, mesmo nas condições mais difíceis muitas vezes sem nem um candeeiro de óleo, ela fazia. Porque não havia médico, não havia recurso, e as mulheres precisavam dela.

No meio da madrugada, a vida chegou. O choro do menino cortou o escuro. Dona Maria o segurou com cuidado, amarrou e cortou o umbigo, envolveu-o no pano e o deitou. Depois se voltou para a mãe. Cuidou da placenta, da “dona do corpo”, limpou, ajeitou, acalmou. Tratava aquela mulher como se fosse sua própria filha, com um cuidado que vinha de dentro, aprendido na vida. Quando tudo terminou, o dia já clareava. Havia fome, mas não havia comida. Dona Maria olhou para o homem e disse: - Vá buscar uma galinha?! Essa mulher precisa de força. Farei um pirão, para ela ter leite. E ficou. Ficou o dia inteiro, cuidando, orientando, garantindo que aquela vida que chegou pudesse permanecer. Em sua casa, os filhos a esperavam. Em casa, enfrentava incompreensões pelas saídas noturnas sem pagamento. Mesmo entre conflitos, sabia que não era escolha, mas um chamado. Voltava cansada, levando apenas um “Deus lhe pague” e a certeza de ter gerado vida.

Conto 2 – Reza não se nega

Durante o dia, a casa de dona Maria nunca ficava vazia. Bastava que ela se sentasse por um instante com seus filhos, netos e bisnetos, para conversar e tomar um café com alguns biscoitinhos de polvilho doce que ela mesma fazia, que logo alguém chegava:

— Mãe! Mãe Maria!

E vinham. Chegavam mães com crianças pequenas, recém-nascidos tomados pelo mau-olhado, meninos e meninas que, a mando de suas mães, vinham pedir a bênção:

— Minha mãe pediu pra senhora me rezar.

E ela rezava. Não escolhia. Nunca negou. Podia ser qualquer pessoa. Como ela mesma dizia: reza é para todos.

Antes de começar, dona Maria se ajeitava. Pedia para a pessoa sentar direito, sem cruzar as pernas. Perguntava o nome, olhava com atenção. Depois se levantava e ia até o quintal. Ali, colhia o que precisava: galhos de “maravilha”⁹, guiné¹⁰ e outras ervas que conhecia pelo cheiro e pela força. Voltava com o galho na mão e começava.

Cada mal tinha sua reza: dor de cabeça, vento caído, espinhela caída, dor de dente, mau-olhado. Não era tudo igual. Ela sabia o tempo, o gesto, a palavra certa. Rezava alto, para quem estava ali ouvir. A voz firme atravessava o corpo da pessoa, como se fosse abrindo caminho por dentro. O galho passava de leve, o sinal da cruz se repetia, e o silêncio se misturava com as palavras.

As crianças observavam tudo. Ficavam por perto, quietas, aprendendo sem perceber. Depois, no quintal, pegavam galhos e imitavam. Repetiam os movimentos, copiavam o jeito. Era assim que o saber caminhava: de olho para olho, de mão para mão, sem pressa e sem anúncio.

No quintal, as plantas cresciam como parte da casa. Ervas para chá, para banho, para cura. E na cozinha, o cheiro mudava com o tempo. Nos meses frios, de maio a julho, o ar ficava carregado de mel, limão, cravo e folhas fervendo devagar. Era tempo de xarope.

Ainda hoje pedem:

— Mãe Maria, faz um pra mim?

E dona Maria faz, com toda sua paciência, suas ervas e seus saberes, lá no seu fogão à lenha. Só uma recomendação ela faz: levar o açúcar e uma garrafa, um copo, qualquer recipiente. Quem encomenda vai buscar o xarope, aproveita para ter um dedo de prosa. Sua

⁹ (Caesalpinia pulcherrima)

¹⁰ (Petiveria alliacea)

casa vive cheia, porque ela não faz distinção. Recebe, escuta, reza. Às vezes está na janela, olhando o movimento da rua, as pessoas passando. Volta e meia responde a uma bênção:

— Bênção, mãe Maria!

Geralmente é um filho de pegação¹¹ ou alguém que lhe tem respeito. E ela responde. Sempre responde: - Deus te dê uma boa sorte! Porque há caminhos que não se escolhem. E o dela foi esse: rezar, curar e sustentar, dia após dia, a vida que chega até sua porta.



Conto 3 – De perneira e gibão

Dona Maria ainda era moça quando a vida já exigia dela mais do que parecia caber. Na Baixa da Fazenda, onde cresceu, o trabalho começava cedo. Seu pai trabalhava abrindo estradas e também como vaqueiro, lidando com o gado no Charco. Em casa, não havia escolha: era preciso ajudar. E ajudava. Entre seus irmãos, quatro homens e duas mulheres ela nunca se colocou para trás. Pelo contrário, muitas vezes era quem assumia a frente.

Quando o pai precisava de alguém para prender o gado e tirar o leite, era ela quem ia. Vestia o que era dele: gibão, perneira, chapéu. Ficava completa, como um vaqueiro. Montava o cavalo em pelo, do jeito que sabia, segurando firme na crina, e saía pelo mundo atrás do gado, junto com seu irmão João. Iam longe. Tocavam, juntavam, enchiam o curral. Não havia medo. Havia costume.

¹¹ “Filho de pegação”: expressão utilizada no Povoado do Peixe para se referir às crianças nascidas com o auxílio de parteiras tradicionais.

No curral, o trabalho continuava. O pai fazia um porrete de mocambo¹² para ajudá-la a se firmar de lado, enquanto João montava para desapartar os bezerros. Dona Maria prendia, organizava, cuidava. Chegava a tirar três latas de leite. Era serviço pesado, de gente grande. Mas ela fazia. Sempre fez. E depois ainda encontrava fôlego para correr, brincar no brejo, como quem ainda guardava um pedaço de infância.

Mas o trabalho não parava ali. Na casa de farinha, puxava roda, ralava mandioca, enchia caminhão. Não era máquina, era braço. Era força. Era resistência. Aprendeu tudo: fazer cerca, rebocar parede, mexer com massa. E ouvia o povo dizer: “Maria não era pra ser mulher, era pra ser homem”. Ela escutava, mas seguia. Sabia do que era capaz. Sabia o que fazia.

Trabalhou na roça, criou os filhos, construiu sua vida com as próprias mãos. Desde pequena, como ela mesma diz, tinha “esse fanativo” para o trabalho. E talvez fosse isso: não era sobre ser homem ou mulher. Era sobre ser inteira. De perneira e gibão, Dona Maria aprendeu cedo a sustentar o mundo e nunca mais deixou de sustentar.

Conto 4 – O caruru que não podia faltar

A devoção de Dona Maria não começou por escolha. Veio como aviso. Depois de fazer seu tratamento e batizar seus Cosmes, seu pai de santo foi quem disse: ela precisava dar o caruru. Não era apenas uma festa. Era obrigação. Havia forças na sua família, perseguições antigas, caminhos atravessados que precisavam ser cuidados. E o caruru seria esse cuidado. Um alívio. Uma proteção. Mesmo sem que muitos acreditassem, ela sabia que precisava fazer.

Antes de obedecer, o corpo adoeceu e ela não entendia o porquê. Disseram-lhe que não cumprir o chamado trazia consequências. Não era só por ela era pela família, por uma herança que pesava e sempre voltava.

E assim começou. No dia de São Cosme, que ela celebrava junto com Nossa Senhora Aparecida, no 12 de outubro, fazia o caruru. E no dia 4 de dezembro, de Santa Bárbara, preparava doces, bolo, rezas. Era duas vezes no ano. E não era pequeno. A casa enchia. Vinha gente de todo canto. Era festa. Eram panelas grandes, 20, 30 litros de caruru, muitas galinhas. Era comida, era canto, era fé reunida.

¹² *Mocambo, neste contexto, refere-se a uma espécie de madeira ou planta nativa, conhecida e utilizada pela comunidade rural local, integrando os saberes tradicionais e o conhecimento prático do povo do lugar.*

Dona Maria não apenas fazia ela conduzia. Aprendeu rezando nas casas dos outros, observando, fazendo. Depois, passou a ser chamada. Ia para Lagedo, para Maracás, para toda a região. Era ela quem mexia o caruru, quem cantava, quem colocava e tirava a mesa. Se ela não estivesse, o povo dizia que não tinha reza. Sua voz guiava tudo. Os benditos ecoavam, chamando santo, acalmando o mundo, firmando a devoção.

Mas o tempo trouxe contrariedade. Pessoas da própria família mudaram de religião. Vieram os conflitos, os julgamentos, a desaprovação. E seus guias não aceitavam isso. Quando havia desarmonia, o corpo sentia. Dona Maria adoecia de novo. Foi então que recebeu orientação: diminuir, fazer dentro de casa, acender vela, oferecer doce às crianças. Não era parar. Era adaptar. Porque certas coisas não se abandonam.

Hoje, ela já não faz como antes. Mas a devoção permanece. Porque, como diz, não é dela. É mandado. Vem em sonho, vem no aviso, vem no corpo. Às vezes, antes mesmo de alguém chegar, ela já sabe quem vem pedir reza. E quando chega, ela atende. Porque há caminhos que não se deixam. E o dela é esse: entre santos, guias e promessas, sustentar, com fé, aquilo que protege os seus.

CONTO 5 – A costura do afeto

Dona Maria aprendeu a costurar como aprendeu a benzer: olhando, sentindo, ficando perto. Ainda menina, observava as mãos mais velhas riscando o pano, puxando a linha, fazendo nascer formas onde antes só havia tecido. Não demorou a tentar. Primeiro, na mão, do seu jeito, criando seus próprios moldes, seus estilos. Costurou o próprio enxoval, depois as roupas dos filhos, vestidos de noiva, lençóis bordados para casamento. Bordava em matiz com paciência e delicadeza, muitas vezes para vender, ajudando nas despesas da casa. Cada ponto carregava silêncio, atenção e memória não era só técnica, era herança aprendida no olhar.

Hoje, com sua máquina manual bem guardada, Dona Maria ainda costura. Faz vestidos, blazers, ajusta barras, aperta alças, e sempre há uma filha ou neta que chega com um pedido nas mãos. Aos 86 anos, mantém a vista firme e a disposição viva, como quem nunca deixou de criar. Em cada linha que passa pelo tecido, ela não faz apenas roupa ela tece cuidado. Porque, para Dona Maria, costurar nunca foi só vestir o corpo. É vestir a vida de afeto.

A bisneta Laura, usando vestido feito por sua bisá dona Maria.



A neta Noelma com o vestido feito por dona Maria.

CONTO 5 - Saberes de cura: rezas que levantam o corpo e acalmam a dor.

Dona Maria não aprendeu a curar em livro. Aprendeu no silêncio das casas, no sopro das palavras antigas e no gesto firme das mãos. Quando alguém chegava com dor de cabeça, ela fazia o sinal da cruz e começava baixinho: ***“Em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, eu benzo esta dor de cabeça, que saia e vá embora, como foi embora a coroa de espinhos da cabeça de Nosso Senhor Jesus Cristo.”*** Rezava um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, e o corpo parecia escutar. A dor, aos poucos, se desfazia, como se obedecesse à fé que atravessava sua voz. Não era só Reza, era cuidado, era presença, era crença que se tornava cura.

Mas havia também as dores mais fundas, aquelas do corpo desalinhado, da espinhela caída. Nessas horas, Dona Maria se firmava ainda mais. Repetia com força e ritmo: ***“Jesus nasceu, Jesus morreu, Jesus ressuscitou. As arcas emborcadas, espinhela virada, Jesus alevantou.”*** E seguia: ***“A lua nem é nova nem é cheia enquanto não atravessa no mar, espinhela caída eu vou te alevantar.”*** Entre palavras e gestos, ela levantava não só o corpo, mas o ânimo de quem chegava abatido. Porque em suas rezas havia mais do que fé havia uma ancestralidade viva, que sustentava, alinhava e devolvia ao corpo o seu lugar no mundo.

CONTO 6- Ladainhas que sustentam a fé: entre santos, promessas e proteção

Na casa de Dona Maria, os dias de caruru começavam cedo e terminavam em reza. O cheiro da comida se misturava às vozes, e era ali, entre panelas e fé, que ela iniciava a ladainha de São Cosme e São Damião. Com o corpo firme e a voz marcada pelo tempo, entoava:

*“Bendito, louvado seja, São Cosme e São Damião,
coroa chegou de Cristo, um dom no seu coração.
O anjo lá no céu fizeram a grande reunião
de saber que no mundo havia São Cosme e São Damião.
São Cosme e São Damião, com sua espada na mão,
combatendo no inferno, defendendo seus dois irmãos.
Se os mabassos bem soubessem, traziam por devoção,
festejavam todo ano São Cosme e São Damião.
São Cosme e São Damião, todos dois nasceram no dia.
São Cosme nasceu três horas, e Damião no romper do dia.
Oferece esse bendito ao Senhor que está na cruz.
São Cosme e São Damião, para sempre, amém, Jesus.”*

Cada palavra era repetida com respeito, como quem não apenas canta, mas mantém viva uma herança. A ladainha ecoava pela casa e pelo quintal, atravessando gerações, lembrando que a devoção também é compromisso e continuidade.

E quando o tempo fechava, quando o céu trovejava forte sobre o povoado, Dona Maria chamava por proteção. Com a mesma fé, iniciava a ladainha de Santa Bárbara, sua voz agora mais intensa, como quem conversa com o invisível:

*“Santa Bárbara, eu encontrei a Santa
Bárbara,
Santa Bárbara é luz divina.
Onde quer que uma alma nasça,
se tornará com Santa Bárbara.
O meu Jesus, pai da minha alma,
quando eu ia pelo caminho,
foi que eu encontrei com a Santa Bárbara.
Santa Bárbara é uma santa,
é quem abranda as trovoadas.
Santa Bárbara, o cálice que ela trouxe
na palma das suas mãos,
para livrar os pecadores de raios,
chuviscos e trovão.
São Jerônimo era um gentio,*

*que soluçava e gemia.
Se não fosse a Santa Bárbara,
ai de nós o que seria?
Quando o mundo pegou fogo,
no caminho se arruvaiou.
Sete anos e um dia,
Santa Bárbara encolocou.
Oferece esse bendito ao Senhor que está
na cruz.
Santa Bárbara é a luz divina,
para sempre, amém, Jesus.”*

Entre o canto e o silêncio, Dona Maria sustentava o mundo com suas rezas. Não era apenas devoção era proteção, era memória, era ancestralidade viva que resistia no som da sua voz.

CONTO 7 – Receitas que curam: o doce amargo da tradição



No quintal de Dona Maria, o remédio nasce antes mesmo de ir ao fogo. Vem das folhas colhidas com cuidado, do cheiro do mato ainda fresco nas mãos, do saber que mora na memória. Para o xarope, ela começa pelo açúcar, que vai ao fogo até caramelizar, dourado e espesso. Depois, acrescenta o que a terra oferece e o que a tradição ensina: guaco, manjerição, poejo, canela, cravo, cebola branca, mel, coração da bananeira. Não há medida escrita há experiência. O preparo segue no fogão a lenha, abafado, tampado, apenas sobre o calor da chapa, como quem respeita o tempo das coisas. Aos poucos, o líquido vai tomando corpo, extraíndo das plantas suas forças. Depois de alguns minutos, ela apaga o fogo, deixa esfriar e orienta: tomar colheradas, devagar, até o corpo responder. É remédio, mas também é cuidado um gesto que atravessa gerações.

E há também os caroços de umburana, guardados como pequenos tesouros. Dona Maria sabe para que servem, e não hesita em indicar: para o chá de dor de estômago, para cólica, para inflamações no corpo. Basta quebrar, ferver na água, deixar o tempo agir. O amargo que vem é sinal de que está fazendo efeito. Assim, entre folhas, cascas e sementes, ela constrói suas curas não só com o que a natureza dá, mas com o que aprendeu vivendo. Porque, nas mãos de Dona Maria, receita nunca é só receita. É memória que se bebe.



CONTO 8 - O biscoito que alimenta a memória



O cheiro de São João sempre chegava antes, misturado ao som das conversas, das risadas e do fogo aceso. Dona Maria já sabia: era tempo de fazer biscoito. Separava os ingredientes polvilho doce, margarina, gema, açúcar e coco ralado e começava a misturar tudo com as mãos, sentindo o ponto certo da massa. Não havia pressa. Era no toque que ela sabia quando estava pronto para modelar. Depois, os biscoitos iam ao forno até dourar, enchendo a casa de um cheiro doce que chamava gente de longe.



Mas houve um tempo em que não era pouco. Dona Maria lembra que fazia “litros e litros” de massa, principalmente quando ia para a casa de Antônio Nunes. Irmãos, vizinhos, conhecidos, todos pediam a receita, todos queriam provar. E ela fazia, com generosidade, como quem entende que cozinhar também é partilhar.

Hoje, a receita continua guardada, não no papel, mas na memória e nas mãos. Dona Maria ensina a quem chega com vontade de aprender, repetindo o gesto, mostrando o ponto, dividindo o saber. Porque aquele biscoito não é só comida de festa é tradição viva, é afeto assado em forma de lembrança.

CONTO 9 - Os nascimentos que ficaram na memória

Dona Maria já perdeu a conta exata, mas sabe: foram mais de duzentos partos. Nunca cobrou. O pagamento, quase sempre, vinha em forma de palavra um “Deus lhe pague” dito com alívio, com gratidão, com vida nos braços. E isso bastava. Foi assim desde o primeiro, quando ainda era jovem e atendeu ao pedido de sua mãe, indo socorrer a própria irmã em trabalho de parto. Ali, entre o medo e a coragem, começou um caminho que não teria volta. Vieram outros: partos difíceis, crianças nascendo pelos pés, cordões enrolados, gêmeos, dores prolongadas, urgências no meio da noite. E ela ia chamada, necessária, inteira.

Os nomes ainda moram em sua lembrança, mesmo que alguns já se embaracem no tempo: Ana Lúcia, Zenaídes, Ritinha, Aurinha, Dulce, Maurina, Carmélita, Vania, Luzia... Mulheres que confiaram seus corpos e seus filhos às mãos de Dona Maria. Houve partos no quintal de casa, dentro de casa, no meio da rua, até dentro de carro. Alguns precisaram de mais cuidado, outros seguiram sem embaraço. Teve criança que não resistiu, teve mãe que sofreu, teve placenta que não quis sair, teve que chamar médico, teve que improvisar. Mas em cada situação, ela permanecia firme, guiada por um saber que não veio de escola, mas da vida, da escuta e da experiência.

Hoje, aos 86 anos, Dona Maria já não faz partos. Mas continua cuidando. Seu quintal segue vivo, suas ervas continuam sendo colhidas, suas rezas ainda são procuradas. E, mesmo que nem todos os nomes venham à memória, os nascimentos permanecem nela como marcas invisíveis, como histórias que o tempo não apaga. Porque cada vida que ajudou a chegar ao mundo também fez nascer um pouco mais dela mesma. E isso, ela nunca esqueceu.

CONTO 10 – Entre o altar e o terreiro: a fé que escolhe caminhar

Dona Maria segue firme, com a fé acesa no peito e o coração sempre disposto. Sua presença na igreja não é apenas de quem assiste, mas de quem faz acontecer. Participa das pastorais, organiza celebrações, puxa rezas, conduz cânticos e se envolve com tudo que fortalece a vida comunitária. É conhecida pela voz e pelo jeito acolhedor, daqueles que não passam despercebidos. Entre uma novena e outra, entre o trezenário de Santo Antônio e as festas de Nossa Senhora do Carmo, ela construiu um caminho de devoção contínua. Leva consigo os filhos, hoje já crescidos, e os netos, ensinando que fé se aprende vivendo. Para ela, estar na igreja é mais que um costume, é um compromisso com a vida. E, com firmeza tranquila, diz que não pretende se afastar enquanto tiver forças para seguir.

Mas houve um tempo em que Dona Maria precisou escolher. Não foi uma escolha simples, nem feita de um dia para o outro, mas daquelas que a gente amadurece em silêncio. Entre abrir o seu terreiro e continuar participando da igreja, ela se viu diante de um caminho que exigia decisão. Sabia que, ao seguir por um lado, precisaria abrir mão de outro. E foi escutando o próprio coração, em meio às suas rezas, que encontrou resposta. Ela mesma conta que, se abrisse o terreiro, não poderia mais comungar e isso, para ela, pesava fundo. Então decidiu permanecer onde sua fé já caminhava há tanto tempo. Não foi negação, nem ruptura, foi escolha. Uma escolha feita com consciência, respeito e fidelidade ao que acreditava.

Hoje, Dona Maria segue cantando, rezando e cuidando, sem nunca ter deixado de ser quem é. Continua acolhendo, orientando, ensinando, sempre com a mesma simplicidade que marca sua trajetória. Sua fé não é rígida, é viva, construída no cotidiano, no cuidado com o outro e na escuta atenta do que sente. Entre rezas e partilhas, mantém acesa uma espiritualidade que não exclui, mas soma, que não impõe, mas convida. Com os filhos e os netos por perto, ela segue ensinando que a fé é caminho e cada um trilha do seu jeito, mas com verdade. Dona Maria não precisou escolher entre ser quem é e aquilo em que acredita. Ela fez das duas coisas uma só. E assim segue, com a vida inteira marcada por uma devoção que não se explica se vive.

ENCERRAMENTO

Entre mãos, memórias e permanências

Este livro nasce do encontro entre a pesquisa e a vida. Mais do que reunir contos, ele se constitui como um gesto de escuta, de registro e de valorização de saberes que atravessam gerações. Como produto educacional de um mestrado, reafirma que os conhecimentos tradicionais não pertencem ao passado eles permanecem vivos, pulsando no cotidiano, reinventando-se nas práticas, nos corpos e nas memórias de quem os sustenta.

A trajetória de Dona Maria revela a força de uma existência tecida na relação com o outro, com a natureza e com o sagrado. Suas mãos que já trouxeram vidas ao mundo, que benzeram, costuraram, cuidaram é também símbolo de uma epistemologia viva, construída fora dos espaços formais, mas profundamente legítima. Em suas práticas, reconhecemos formas de conhecimento que resistem que educam e que sustentam modos de existir muitas vezes invisibilizados.

Valorizar esses saberes é, portanto, um ato político. É afirmar que há outras maneiras de conhecer, de ensinar e de aprender. É romper com silenciamento históricos e abrir espaço para que vozes como a de Dona Maria sejam não apenas ouvidas, mas reconhecidas em sua potência formativa e cultural.

Que este livro não se encerre aqui. Que ele circule toque provoque e ensine. Que suas histórias encontrem novos leitores e novas leituras. E que, assim como as mãos de Dona Maria, ele continue semeando cuidado, memória e resistência por onde passar.

“Que essas histórias continuem sendo contadas.”

CRÉDITOS DAS IMAGENS

As imagens presentes neste livro foram registradas por Ivana Meira Silva de Carvalho, no contexto da pesquisa de campo realizada no Povoado do Peixe–BA (2025), e por Rafael Nascimento, (2022) a quem agradecemos pela sensibilidade no olhar e contribuição para a preservação dessas memórias.